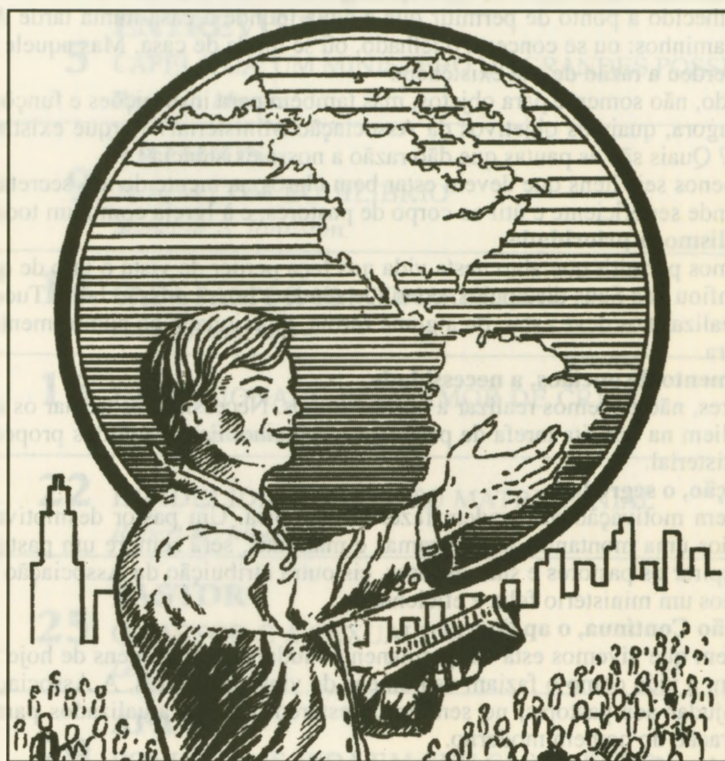


# MINIS/ÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

- BIBLIOTECA -

TATUI



IMPULSIONADO PELO  
AMOR DE CRISTO

# DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

## A razão de ser

Uma velha premissa estudada nos cursos de liderança, afirmava que tudo aquilo que, no transcurso do tempo, perde a visão de seus objetivos também perde a razão de sua existência. Explicando melhor, o teto existe para proteger a casa, mas, se no decorrer do tempo ele fica tão envelhecido a ponto de permitir que a água inunde a casa numa tarde de chuva, só restam dois caminhos: ou se concerta o telhado, ou se muda de casa. Mas aquele teto, do jeito que está, perdeu a razão de sua existência.

Isso é válido, não somente para objetos, mas também para instituições e funções.

Pergunto agora, quais os objetivos da Associação Ministerial? Porque existimos? O que pretendemos? Quais são as pautas que dão razão a nossa existência?

Há pelo menos seis itens que devem estar bem claros na mente de um secretário ministerial que pretende ser eficiente e útil ao corpo de pastores, e à Igreja como um todo. Vejamos:

### **1. Evangelismo, a prioridade.**

Não podemos permitir que algo nesta vida nos faça perder de vista o fato de que a missão que Jesus confiou aos Seus discípulos, continue sendo a nossa missão hoje. Tudo o que planejarmos e realizarmos deve estar, de alguma forma, direcionado ao cumprimento da missão evangelizadora.

### **2. Treinamento de anciãos, a necessidade.**

Nós pastores, não podemos realizar a obra sozinhos. Necessitamos treinar os anciãos para que nos auxiliem na bendita tarefa de pastorear o rebanho. Este é um dos propósitos da Associação Ministerial.

### **3. Motivação, o segredo.**

Pastores sem motivação não podem fazer muita coisa. Um pastor desmotivado, mesmo tendo nas mãos uma montanha de programas e materiais, será sempre um pastor medíocre. Motivar e inspirar os pastores e suas esposas, eis outra atribuição da Associação Ministerial, a fim de termos um ministério feliz e eficiente.

### **4. Educação Contínua, o apoio.**

O mundo em que vivemos está em permanente mudança. Os homens de hoje não pensam nem enxergam a vida como o faziam os homens de vinte anos atrás. A Associação Ministerial precisa ajudar aos pastores, no sentido de estarem sempre atualizados para alcançar a mente e o coração do homem moderno.

### **5. Materiais, a ferramenta.**

Em evangelismo não existe o método sem o material. Existem os métodos e os materiais. O pastor necessita possuir uma variedade de materiais, de modo que possa escolher o que melhor se adapte à sua personalidade, no cumprimento da missão.

### **6. Reavivamento espiritual, a mola propulsora.**

Deixei este item para o final, de propósito. Porque o último sempre permanece com maior força na mente. Jesus disse: "Sem Mim, nada podeis fazer." Ele e somente Ele será a fonte da motivação, inspiração e capacidade de realização dos pastores. O objetivo supremo da Associação Ministerial é levar os pastores a uma experiência de vida com Cristo.

Podemos agora revisar nossas atividades, e ver se temos a visão clara de nossos objetivos? Estamos cumprindo plenamente esses objetivos? Está a Associação Ministerial fazendo com que os pastores se sintam amados, motivados e capacitados para desenvolver um ministério feliz? – *Alejandro Bullón.*

# MINISTÉRIO

Uma Revista Para Pastores e Obreiros

Ano 65 – Número 10 – Mar./Abr. 1995 – Período Bimestral

Uma Publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Casa Publicadora Brasileira

- BIBLIOTECA -

TATUI

## DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

2 A RAZÃO DE SER

*Alejandro Bullón*

4 CARTAS

## ENTREVISTA

5 CAPELANIA: UM MINISTÉRIO DE GRANDES POSSIBILIDADES

*Paulo E. Marski*

## ARTIGOS

9 JEJUM COM EQUILÍBRIO

*Madeline S. Johnston*

13 CADA PASTOR UM CONSELHEIRO

*Gregory Matthews*

16 IMPULSIONADO PELO AMOR DE CRISTO

*David Vandenburg*

22 INFIDELIDADE AO VOTO MATRIMONIAL

*Robert M. Johnston*

## PASTOR

25 O PASTOR E A SEXUALIDADE

*Len McMillan*

## AFAM

29 PONHA MAIS VIDA EM SEU CASAMENTO

*Jan Johnson*

32 BIBLIOTECA DO PASTOR

**Diretor Geral:** Carlos Magalhães Borda; **Redator-Chefe:** Rubens S. Lessa; **Redator responsável:** Zinaldo A. Santos; **Chefe de Arte:** Erlo Köhler; **Diagramação:** Josias Silva; **Colaboradores Especiais:** Alejandro Bullón; José M. Viana; **Colaboradores:** Antônio Moreira; Mário Valente; Jefé Carvalho; Moisés Batista de Souza.  
**Capa:** Wanderley Scortegagna

Todo artigo ou correspondência para a Revista **MINISTÉRIO** deve ser enviado para o seguinte endereço: Caixa Postal 12-2600 – 70279-970 — Brasília, DF.

**CASA PUBLICADORA BRASILEIRA**

Rodovia SP 127 – km 106 – 18270-000 – Tatuí, SP.

2530

### ESCLARECENDO DÚVIDAS

*“Apreciei bastante o artigo ‘Apascentar ainda é preciso’, na edição de Janeiro/Fevereiro. Foi valorizando a visitação pastoral que conseguimos um crescimento histórico, num distrito que simplesmente tinha a fama de não crescer.*

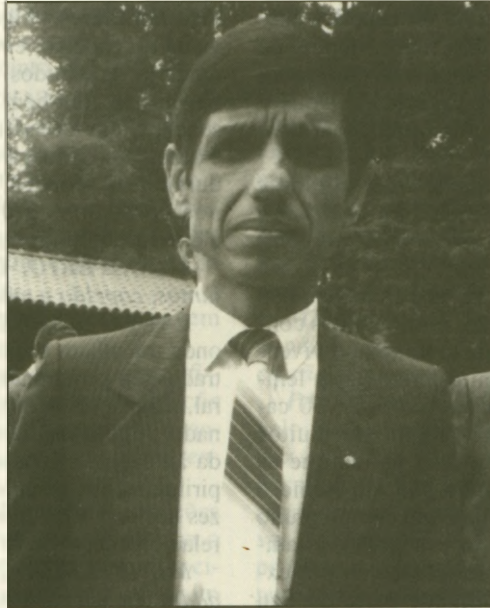
*O artigo do Pastor Luiz Nunes, intitulado ‘A evangelização e a volta de Jesus’, também me empolgou; mas gostaria de ter esclarecidas algumas dúvidas: no segundo parágrafo, à página 23, é dito que ‘o número de pessoas atingirá a marca de 6,2 milhões no ano 2000. E como a população continuará crescendo nos trinta anos seguintes, a cifra chegará a 8,7 milhões...’ Não seriam bilhões, em ambos os casos?*

*Na 5ª linha, no início da página 24, é*

*mencionado: ‘Todos têm o direito de ouvir a mensagem adventista. Todos os quatro bilhões acrescidos a cada ano...’ Acho que esse número necessita ser revisto.” – Pastor Corsino Viana de Brito, distrital de Ribeira, SP.*

O leitor tem razão. Segundo o autor, ele descobriu que foram feitas duas cópias do artigo, uma das quais estava com os números incorretos. Talvez essa tenha chegado à Redação de *Ministério*. Quanto à última observação, em lugar do que está impresso deve ser lido: “Todos têm o direito de ouvir a mensagem adventista. Todos os quatro bilhões que aumentam de número a cada ano.”

# Capelania: um ministério de grandes possibilidades



*Filho de pastor (Geraldo Marski), irmão de pastores (Davi e Artur Marski), o Pastor Paulo Emílio Marski sempre estudou em instituições adventistas: escola da Igreja Central Paulistana, Iasp, e IAE, campus de São Paulo, onde formou-se em Teologia no ano de 1975. Em seguida, iniciou suas atividades ministeriais auxiliando séries de conferências dirigidas pelo Pastor Alcides Campolongo, e foi distrital na região de Suzano e Mogi das Cruzes, no Estado de São Paulo. Após seis anos nessa função, aceitou um chamado para a capelania do Hospital Adventista de Belém, onde permaneceu também por seis anos, vindo posteriormente para o Hospital Adventista de São Paulo. "Parece que sou o mais antigo na função", ele pondera.*

**Pastor Paulo Marski.**

*Casado com a enfermeira Elci Stabenow Marski, possui três filhos: Eder (15 anos), Eser (13 anos) e Eber (cinco anos).*

*Em seu escritório de capelania, no Hasp, o Pastor Paulo concedeu à revista MINISTÉRIO, a seguinte entrevista:*

**MINISTÉRIO:** *Quão decisiva foi a influência do seu pai e seus irmãos, para que o senhor se tornasse um pastor?*

**P A U L O M A R S K I:** O mais

importante foi o exemplo do meu pai. Daí, a convivência em família, com meus irmãos, e a educação cristã recebida prepararam o terreno para a decisão de servir a Deus em Sua Obra. Meu pai nunca me disse que eu deveria ser pastor. Não houve qualquer imposição.

**MINISTÉRIO:** *Em algum momento de sua vida, pensou em ser capelão?*

**PAULO MARSKI:** Não. Até receber o chamado para o Hospital de Belém, eu não pensara em ser capelão. Mas veio o convite e, simplesmente, minha esposa e eu aceitamos ir para o Norte, uma região que não conhecíamos.

**MINISTÉRIO:** *Como recebeu esse chamado?*

**PAULO MARSKI:** Na ocasião houve muitos prós e contras. Naquela época, os capelães eram geralmente pastores jubilados, e

muitas pessoas nos aconselhavam no sentido de que não fôssemos. Éramos jovens, com apenas seis anos de ministério, parecia não ser um bom caminho a capelania. Foi um desafio, mas, como disse antes, aceitamos e estamos contentes nesse ministério.

**MINISTÉRIO:** *Se havia prós e contras, o que foi determinante para aceitar o chamado?*

**PAULO MARSKI:** A disposição de aceitar um chamado divino, independentemente dos desafios de uma região desconhecida, ou do próprio trabalho. Veja bem: eu não disse a ninguém que queria ser capelão; chegou o chamado às minhas mãos, depois de passar pela Divisão, União e Associação, entendi isso como um convite de Deus e aceitei prontamente, sem me preocupar com o que me esperava.

**MINISTÉRIO:** *Parece que algumas pessoas, ainda hoje, consideram o ministério de capelania como "fim de carreira", ou solução para algum "problema". Que acha disso?*

**PAULO MARSKI:** Se há 14 anos eu não concordei com essa visão, muito menos concordaria agora, depois de tanto tempo vivendo as emoções desse ministério. Basta lembrar que temos, atualmente cerca de 50 capelães em todo o Brasil, incluindo muitos jovens e bons pastores. Isso indica que as pessoas de visão positiva são em número muito maior. A capelania é um campo muito vasto para a pregação do evangelho, e também prazeroso. Cristo foi o capelão por excelência, empregando grande parte do Seu tempo em abrir as portas dos corações, buscando primeiro satisfazer as necessidades físicas e emocionais das pessoas. Só então ministrava-lhes o evangelho.

**MINISTÉRIO:** *Qual é a abrangência do trabalho de um capelão?*

**PAULO MARSKI:** É um ministério de tremendas possibilidades. Há os pacientes, que passam por momentos difíceis e de crise, aos quais o capelão pode ajudar confortando, animando, levando-os à aceitação de Cristo, ou a uma experiência de reconsecração a Deus. O capelão também vela pelo bem-estar espiritual dos funcionários e obreiros da instituição, promovendo um ambiente de bom relacionamento que também contribui para a recuperação do paciente. Finalmente, existe a comunidade que deve ser alcançada através de cursos, palestras, literatura, amizade; gerando assim oportunidades para evangelização.

**MINISTÉRIO:** *Como é o dia-a-dia de um capelão?*

**PAULO MARSKI:** Isso pode variar de hospital para hospital. Em nosso caso, iniciamos o dia com um culto devocional. Depois, a distribuição de literatura nos vários locais de atendimento, recepção, quartos, etc. Visitamos todos os dias os pacientes, e também atendemos a funcionários e obreiros, que necessitam de algum aconselhamento ou orientação espiritual. Às vezes são dúvidas teológicas e doutrinárias que precisam ser esclarecidas, outras vezes são questões familiares. Alguns pacientes pedem a visita do capelão, em suas casas, para continuidade de estudos bíblicos. Hospitais não adventistas também solicitam a nossa presença, o que atendemos com muito prazer. Como temos nosso culto aqui no hospital, durante os sábados, uma vez mensalmente nos colocamos à disposição das igrejas, além dos domingos e quartas-feiras.

**MINISTÉRIO:** *Como podem caminhar juntos, capelão e médico?*

**PAULO MARSKI:** Em qualquer lugar, onde trabalhem muitas pessoas, serão encontrados temperamentos diferentes. Mas em geral, capelão e médico formam um dueto afinado. Alguns médicos chegam a solicitar ajuda ao capelão. Eles sabem que, ajudados espiritualmente, os enfermos podem muitas vezes acelerar a recuperação, devido ao estreito relacionamento entre a mente e o corpo.

**MINISTÉRIO:** *Quais as maiores dificuldades que um capelão encontra no trabalho?*

**PAULO MARSKI:** Bem, em qualquer setor sempre existem coisas que nós gostaríamos que fossem diferentes. No ministério de capelania, embora muito raramente, encontramos um ou outro paciente mais radical que não aceita ser visitado nem que se faça oração. No aspecto burocrático, digamos assim, há o problema financeiro que às vezes dificulta a produção mais abundante de material. Na verdade, as dificuldades são poucas. Nada que não possa ser contornado ou administrado.

**MINISTÉRIO:** *Como o capelão se sente ao acompanhar um caso e ver que seu desfecho trágico é inevitável?*

**PAULO MARSKI:** Realmente não é muito fácil, mas o que falar, e o que não falar, depende de cada caso. Quando uma pessoa toma conhecimento da gravidade de sua situação, em geral a primeira reação tende a ser de revolta e questionamentos acerca de

Deus. “Por que eu?”, “por que Deus permite isso?” ou “o que fiz para merecer este castigo?” Então, procuramos mostrar pelas Escrituras a questão do sofrimento, seu causador, e o amor constante de Deus por Seus filhos. Acima das argumentações, este é um momento para ouvir bastante. Depois dessa reação, vem o período de barganha com Deus: “se eu for curado, prometo fazer isso ou aquilo, ir à igreja, ser melhor missionário, cumprir tal penitência”, etc. Finalmente, o indivíduo acaba aceitando a situação. Às vezes consegue sair do hospital, às vezes não. De qualquer forma, essa é uma oportunidade áurea para levar Cristo às pessoas.

Há momentos, no entanto, em que não se tem mesmo muito a dizer, como no caso de uma criança, por exemplo. Mas só a presença do capelão, como um homem de Deus, representa muito em termos de conforto e segurança, para o enfermo e seus familiares. É preciso não esquecer dos familiares. Eles sofrem muito também, com a perspectiva da perda de um ente querido.

Só a Palavra de Deus tem a mensagem própria para tais ocasiões.

**MINISTÉRIO:** *Alguns conselheiros afirmam que há ocasiões em que argumentação de qualquer tipo é inútil, só restando a opção da solidariedade silenciosa. Já enfrentou situações assim?*

**PAULO MARSKI:** Há, de fato, situações assim. São momentos em que, ou porque o paciente não pode ouvir nada, nem raciocinar; ou porque o choque da perda é muito grande para um familiar, a única coisa que se tem a fazer é afagar a cabeça, colocar a mão no ombro, e orar. Permanecer ao lado do sofredor significa muito. Com o passar do tempo, as coisas vão ficando mais claras, normalizando-se, e vão surgindo condições para o plantio da semente da Palavra. O que não se pode fazer é deixar o necessitado ao léu da própria sorte.

**MINISTÉRIO:** *É normal o capelão chorar?*

**PAULO MARSKI:** Qualquer conselheiro deve ter controle sobre suas emoções. Mas chorar não é sinal de fraqueza. Portanto, eu diria que o capelão chora também, e isso é normal e positivo. Quando você, por exemplo, está diante de um jovem baluarte, uma criança, ou mesmo um adulto, numa situação irreversível, nem sempre pode resistir ao pranto. Jesus mesmo chorou, o que mostra que chorar não é fraqueza. Digo que isso é positivo, por-

que um pastor não pode tornar-se insensível à dor alheia. Nunca um pastor deve encontrar-se num estágio no qual, para ele, o sofrimento e dor alheios sejam coisas comuns do dia-a-dia. Ele deve ser caracterizado pela sensibilidade de Cristo. Se não chora com o rosto ou os olhos, pode chorar com o coração, embargar a voz, enfim, emocionar-se diante do sofrimento humano. A Sra. White falou de Jesus como tendo certa vez “lágrimas na voz”, ao repreender algumas pessoas.

**MINISTÉRIO:** *Em que nível de importância o senhor coloca a capelania, no contexto ministerial?*

**PAULO MARSKI:** A capelania é apenas uma área especializada, como existem outras na Obra. Mas sua importância é tão grande como a dessas áreas, como o ministério pastoral, departamentos, etc. Ainda não estamos aproveitando todas as oportunidades que existem na capelania. Limitamo-nos aos nossos hospitais; mas poderíamos penetrar em corporações militares, presídios, e até empresas, levando orientação espiritual.

**MINISTÉRIO:** *O senhor se sente, como capelão, devidamente assistido pela Associação Ministerial?*

**PAULO MARSKI:** Aqui em São Paulo, pelo menos, onde somos aproximadamente dez capelães (incluindo os que servem a hospitais da *Golden Cross* e outras instituições), temos recebido o devido apoio, através dos Campos. As Associações daqui têm procurado integrar-nos às atividades ministeriais, convidando-nos para concílios e reuniões de planejamento de trabalho. Somos uma Igreja com uma missão, e precisamos caminhar unidos para cumpri-la. Em termos missionários, hospitais não podem andar por caminhos diferentes de outros setores e instituições da Obra. Sinto que aqui essa integração é muito positiva e acredito que aconteça a mesma coisa em outros lugares.

Além do apoio da Associação Ministerial, somos também assistidos pela Associação Brasileira de Capelães Adventistas, cujo presidente é o Pastor Walter Streithorst. Essa agremiação busca integrar o grupo e criar melhores condições de exercer nosso ministério.

**MINISTÉRIO:** *O senhor concorda em que o capelão deva ter alvo de batismo estabelecido pelo Campo em cujo território ele se encontra?*

**PAULO MARSKI:** Cada instituição tem suas metas. Nossos alvos são sugeridos pela

administração da instituição, inclusive o de batismos. Mas o funcionamento não é como uma igreja ou distrito. As pessoas que chegam aqui e começam a receber estudos, são encaminhadas ao distrital ou igreja mais próxima da região onde elas residem. Se se batizam, pertencem àquela determinada igreja. Na verdade, ajudamos os distritais. Temos recebido aqui pessoas vindas de Manaus, Campo Grande, MT, etc. Ao retornarem às suas respectivas cidades, são colocadas em contato com algum pastor ou igreja. E freqüentemente recebemos informações de que alguém foi batizado.

**MINISTÉRIO:** *Há condições de se quantificar os batismos de um ano, por exemplo?*

**PAULO MARSKI:** Com toda essa diversificação, não é muito fácil. Mas no ano passado, temos informações de que aproximadamente doze pessoas foram batizadas em São Paulo.

**MINISTÉRIO:** *Que acha de um hospital investir no evangelismo, designando o capelão e sua equipe para uma determinada região?*

**PAULO MARSKI:** Isso já existe. O Hospital Adventista de Belém, por exemplo, enviou o capelão, junto com sua equipe e alguns médicos, para evangelizar a cidade de Salinas, no interior paraense. Financiou a campanha, e o resultado foi muito bom. Batizaram mais de 300 pessoas e um dos capelães teve de permanecer lá para continuidade e consolidação do trabalho. Acho válida tal iniciativa. O hospital tem de se fazer presente na comunidade, como um instrumento missionário. Além de tudo, os próprios funcionários e obreiros serão incentivados a um maior envolvimento com a missão da Igreja.

**MINISTÉRIO:** *Qual é a estratégia evangelística de seu trabalho como capelão?*

**PAULO MARSKI:** Bem, tudo começa como contato pessoal, oferecimento de literatura. Algumas pessoas mostram interesse no estudo da Bíblia e, ao receberem alta, nós vamos em suas casas. Aos que moram muito distante, em outras cidades, por exemplo, oferecemos cursos por correspondência. Apesar das dificuldades encontradas numa cidade como São Paulo, onde as pessoas vivem correndo sem tempo praticamente para nada, temos 120 pessoas matriculadas nos cursos por correspondência. Contamos com o auxílio de uma obreira bíblica que, além de cuidar desse material, também realiza visitas aos lares. Aqui no hospital, o objetivo não é

fazer proselitismo. O primeiro passo é levar a pessoa a Cristo. Se quiséssemos aproveitar o momento de crise, muitos pacientes se agarrariam a qualquer coisa, inclusive à denominação. Mas uma decisão assim, possivelmente não seria duradoura. Passada a dificuldade, eles poderiam voltar à velha vida. Inicialmente fazemos amizade, mostramos a Cristo, apresentamos um modelo de vida diferente, e, somente quando recebem alta, efetivamos o estudo bíblico, se houver interesse.

**MINISTÉRIO:** *De certa forma, cada pastor é um capelão. Como o senhor acha que cada um poderia tornar mais efetivo esse trabalho?*

**PAULO MARSKI:** Alguns colegas capelães aqui em São Paulo já estão indo às igrejas orientar os irmãos, no sentido de realizarem o trabalho de visitação a hospitais nas respectivas regiões. Os pastores devem estar engajados nisso, formando equipes, treinando-as e orientando-as devidamente. Há muita gente necessitada de conforto e esperança, aguardando uma visita desprovida de intenções proselitistas. Ninguém precisa ficar desesperado para fazer um doente aceitar, na hora da morte, determinadas doutrinas específicas. Cristo, Seu amor e poder, Sua graça e misericórdia, é que deve ser levantado. Precisamos cuidar para não termos a postura adotada por alguns movimentos populares, cujos membros em seu radicalismo contestam as orientações médicas, atribuem a doença a algum castigo, dificultando a vida do paciente e fechando temporariamente as portas de alguns hospitais. Já aconteceram casos assim, aqui em São Paulo. Nossa linha é outra, e os administradores de instituições hospitalares devem saber distinguir.

**MINISTÉRIO:** *Agora, um conselho do capelão aos pastores e anciãos.*

**PAULO MARSKI:** No fundo, cada um de nós é um capelão. Todos nós visitamos pessoas carentes de conforto, esperança e ânimo, em hospitais ou nas casas. Então devemos estar unidos, fortalecendo-nos mutuamente, e realizar eficientemente o ministério de visitação. A Bíblia diz que quando Cristo voltar, identificará aquele que esteve com o doente, vestiu o nu, alimentou o faminto e confortou o prisioneiro. Onde quer que estejamos atuando, não devemos descuidar esse aspecto do ministério. Precisamos trabalhar diligentemente e unidos, para apressar o dia em que o sofrimento e a dor deixarão de existir.



# Jejum com equilíbrio

MADELINE S. JOHNSTON

*Psicóloga, escritora e editora em Berrien Springs, Michigan, EUA.*



**H**á poucos anos, certa igreja perdeu muitos membros, mesmo depois de fervorosas preces em favor deles. Além de orações e visitas, o que mais poderia ter sido feito para impedir a evasão? Que tal jejuar?

Estaria Deus mais pronto a intervir em favor de nossas súplicas, se elas forem acompanhadas de jejum? Deixando de lado aquela mentalidade de justificação própria, poderia a prática do jejum demonstrar o que realmente significam nossas petições? É o propósito do jejum fazer com que de algum modo Deus seja encorajado a anular as objeções de Satanás, com Sua intervenção? Se é assim, com tantas pessoas enfrentando grandes necessidades, deveríamos jejuar muito mais do que fazemos. Mas, seguramente,

não poderíamos nos abster totalmente da alimentação todas as vezes em que o fizéssemos, sem correr alguns riscos.

Enquanto vagueava nesses pensamentos, lembrei-me de ter testemunhado alguns acontecimentos marcantes que se seguiram a períodos de oração e jejum. Numa ocasião, quando servíamos como missionários na Coreia, um dos nossos coobreiros foi acometido de uma enfermidade gravíssima. Mesmo sendo submetido à uma cirurgia, os prognósticos continuavam desanimadores. No entanto, para surpresa da equipe médica, o paciente começou a recuperar-se. Teria sido essa mudança fruto da perícia dos médicos, ou da intervenção divina? Afinal, junto com o serviço de unção efetuado, um pas-

tor coreano estivera jejuando, com sua família. Haveria alguma conexão entre seu gesto e a recuperação do doente?

Outra extraordinária ocorrência, teve lugar num internato, envolvendo uma colega de nossas filhas. Vivendo uma profunda depressão espiritual, a menina foi transferida da *Andrews University* para outra escola distante. Num final de semana, ela e seus pais planejaram vir à nossa casa. Nossas filhas avisaram-me: “nós vamos jejuar e orar por ela na sexta-feira. Poderia juntar-se a nós?” Evidentemente, concordei.

Exatamente no sábado à noite, a mãe da jovem pediu-lhe para retornar à *Andrews*. “De jeito nenhum”, ela replicou de maneira petulante, “não temos recursos suficientes, e, de qualquer forma, a *Andrews* não tem o que eu necessito”.

Todavia, dentro de 24 horas, algumas circunstâncias incomuns convenceram-na a mudar seu pensamento. A mente foi desbloqueada e ela voltou à Universidade. E embora até a época de sua formatura, ainda não tivesse tomado uma decisão no sentido de tornar-se adventista, sua presença marcante na Escola foi uma dramática resposta às orações. Isso me deixou maravilhada, levando-me a indagar qual a parte, se houve alguma, desempenhada pelo jejum nesse fato?

#### No sábado

**D**e vez em quando, a Igreja anuncia um dia mundial de jejum, tipicamente num sábado. Mas o período do jejum não parece estar bíblica e obrigatoriamente relacionado com o significado e o contexto da observância do sábado. Nos tempos bíblicos, o Dia da Expição era o único dia de jejum ordenado pela lei (ver Lev. 16:29-31; Atos 27:9).

O sábado semanal, pelo contrário era um dia de banquete – não glotonaria – e celebração. Sábado é um dia de grande regozijo. Quem sabe, ao sugerir um dia de jejum, a Igreja poderia pensar em algum outro dia. Que tal uma sexta-feira? Poderia começar

com o pôr-do-sol desse dia, estendendo-se até à manhã do sábado, quando após uma convocação de louvor e agradecimento a Deus por ouvir nossas orações, o jejum seria quebrado.

#### Exemplo dos judeus

**O** jejum típico dos judeus, considerado um dia de abstenção, geralmente estendia-se da manhã até à noite; possivelmente uma refeição fosse permitida. Esse jejum freqüentemente estava ligado a esmolas, quem sabe um donativo aos pobres, relativo

ao que fora economizado com o jejum.

São abundantes os exemplos bíblicos de jejum. Moisés jejuou no topo do Sinai quando recebeu os Dez Mandamentos (Êxo. 34:28). Os cidadãos de Jabes-Gileade jejuaram sete dias depois de recuperarem os corpos de Saul e seus filhos, das mãos dos filisteus, e dar-lhes um funeral apropriado (I

---

---

O jejum é a oração do corpo. Afirma a bondade da criação por significar a rendição temporária do gozo de alguns de seus benefícios, e portanto, sempre inclui um elemento de gratidão.

---

---

Sam. 31:13). Quando a arca voltou e todo o Israel arrependeu-se, houve jejum durante todo o dia em Mispa enquanto Samuel intercedia pelo povo (I Sam. 7:5 e 6). Daniel jejuou buscando compreender a profecia que lhe foi indicada, e também por misericórdia da parte de Deus para com o povo apostatado (Dan. 9:2 e 3). Davi arrependeu-se com jejum (Sal. 69:10; 35:13), e também jejuou pela saúde de seu primeiro filho com Bate-seba (II Sam. 12:16-23). Ele expressou sua dor pela morte de Abner também com jejum (II Sam. 3:35).

Ester convocou seu povo para jejuar, quando sob ameaça de morte (Ester 4:16). Esdras jejuou, suplicando uma viagem segura para Jerusalém (Esdras 8:21). A mensagem de Deus através de Joel foi “convertei-vos a Mim de todo o vosso coração; e isso com jejuns...” (Joel 2:12). O povo de Nínive proclamou um jejum, e Deus aceitou seu arrependimento (Jonas 3:5). O Rei Josafá proclamou um jejum em Judá, quando ameaçado por invasão inimiga (II Crôn. 20:3).

## No Novo Testamento

**A**na “adorava noite e dia em jejuns e orações” esperando o Messias (Luc. 2:37). Então reconheceu o bebê Jesus (vs. 36-38). Cristo jejuou 40 dias antes de iniciar Seu ministério (Mat. 4:2). Durante o Sermão da Montanha, Ele ensinou: “Quando jejuardes, não vos mostreis contristados como os hipócritas...” (Mat. 6:16) – pressupondo aparentemente que essa era uma prática comum entre Seus ouvintes. Os fariseus costumavam jejuar duas vezes por semana (Luc. 18:12).

Na Igreja primitiva, após jejuar e orar, os cristãos receberam instruções do Espírito Santo (Atos 13:2). Paulo jejuou por três dias após sua conversão na estrada de Damasco (Atos 9:9). A igreja de Antioquia jejuou e orou antes de enviar Paulo e Barnabé em sua primeira jornada missionária (Atos 13:3).

## Na história da Igreja

**G**eralmente, no início da Igreja, jejuar significava abstinência de todo alimento até à noite. Posteriormente essa abstinência passou a ser limitada a certos alimentos, mantendo-se o suficiente para satisfação das necessidades básicas.

Mais recentemente, John Wesley registrou (1756) em seu diário um dia nacional de oração e jejum, quando a França ameaçava invadir a Grã-Bretanha. Uma nota de rodapé nesse diário observava: “A humildade tornou-se em regozijo nacional, pois a ameaça de invasão pela França foi afastada.” Nos primórdios da América, os estados da Nova Inglaterra estabeleceram dias especiais de jejum.

## Na Igreja Adventista

**N**o White Estate, existe uma pasta recheada de documentos sobre o jejum, na história adventista. Junto com citações de Ellen White, a pasta inclui monografias e cartas de líderes da Igreja. Em 1865, Tiago White, editor da *Review and Herald*, mencionou que certos dias foram dedicados ao jejum e à oração pelo fim da Guerra Civil – após o que ela findou-se inesperadamente. A Associação Geral endossou a designação do sábado, dia 11 de fevereiro, como um dia de jejum e oração.

Em março daquele ano, os irmãos obser-

varam quatro dias de humilhação, jejum e oração, durante os quais se alimentavam o mínimo possível. Alguns se abstiveram completamente, tanto quanto a saúde permitia e as convicções os impulsionavam. Tiago White testemunhou que ele jamais tinha visto tamanha intensidade de fervor, nem nos melhores tempos em Battle Creek, ou no Campo mundial. Muitas orações foram respondidas.

A Igreja Adventista do Sétimo dia tem continuado a prática do jejum no vigésimo século. G. D. Strunk, preparando material para a promoção de mais um dia de jejum, em 1979, compilou os seguintes conselhos de Ellen White sobre os objetivos do jejum: buscar as verdades essenciais até que o caminho da salvação esteja claro; buscar a sabedoria celestial prometida por Deus; buscar a direção divina para planejar; sair da indolência para dedicar nossos talentos ao serviço cristão; buscar ajuda de Deus em tempos de crise; contender com as forças demoníacas; pedir que Deus suscite mais obreiros; unidade entre os membros.

De acordo com outra compilação de conselhos de Ellen White, preparada em 1980 por W. P. Bradley, o jejum é eficaz na busca de luz e sabedoria; fortalecimento do coração purificado e confissão; vitória sobre a tentação; domínio de alguma enfermidade (pela abstinência de uma ou duas refeições); desenvolvimento de um apetite por alimentação simples.

Da mesma forma como agiu em relação a outras áreas, Ellen White procurou desenvolver uma atitude equilibrada também quanto ao jejum. Disse ela: “O espírito do verdadeiro jejum e oração é o espírito que muda a mente, o coração, e agrada a Deus.” Esse conselho está em perfeita sintonia com Isaías 58, que descreve qual é o jejum aceitável à vista de Deus. Usar os recursos materiais para ajudar o pobre é mais importante no jejum que a efetiva abstinência de alimento.

## Testemunho de nutricionistas

**C**onsiderando que a abstinência de alimentos afeta a saúde física, é importante notar o que os nutricionistas têm a dizer. Alice Marsh escreveu a um pastor que não deveria ser requerida abstinência total, podendo alguém jejuar alimentando-se parcimoniosamente. Ela acrescenta que o jejum

pode ser fatal para diabéticos, e perigoso para mulheres gestantes ou em fase de lactação. Indivíduos com hipoglicemia ou hipertiróidismo também podem ser prejudicados. Alice apresentou estudos também sobre os efeitos do jejum na alteração do humor. Advertindo quanto a uma pessoa jamais dever deixar de tomar água, Alice esclarece que um jejum, no qual se mantenha o consumo de sucos naturais pode ser bem equilibrado em virtude da aquisição de açúcar natural. Aconselha ainda uma dieta balanceada mínima, incluindo frutas e vegetais, para um jejum mais prolongado.

Outros nutricionistas sugerem que uma dieta simples agradaria a Deus tanto ou mais que a abstinência completa, e que um médico deveria supervisionar qualquer jejum que dure mais que um dia.

Mary Margaret Eighme escreveu uma monografia em 1978, mencionando que entre 1850 e 1900 houve 42 épocas oficiais de jejum na Igreja Adventista. Em 1904, Ellen White instruiu que desde então, até o fim do tempo, nós deveríamos ser mais zelosos, estabelecendo dias para jejum e oração. No entanto, desde 1900 a 1977, tivemos apenas nove dias especiais de jejum para a Igreja. Ellen White citou os exemplos bíblicos de Moisés, Davi, Elias, Daniel, Neemias, Ester, Pedro, Paulo e Barnabé.

Enquanto referia-se favoravelmente a esses exemplos, advertiu a entusiastas como José Bates, que algumas vezes fazia apenas uma refeição num dia e passava dois dias jejuando, dizendo que Deus não requeria tal comportamento.

Winston Craig, professor de Nutrição na *Andrews University*, aponta que se alguém jejuar por um extenso período de tempo, sofrerá mudanças bioquímicas. O cérebro necessita de energia dos alimentos, e a falta de nutrição causa o colapso dos tecidos – particularmente músculos e tecidos adiposos. Um músculo que pode degenerar-se é o coração, resultando daí parada cardíaca dentro de poucas semanas. Os eletrólitos também podem ficar desequilibrados, gerando tonturas e náuseas.

Quão longo pode ser o jejum para tornar-se perigoso, varia de acordo com a saúde do indivíduo e a própria extensão do jejum, mas Craig não recomenda que seja muito longo. “Eu não aconselharia um jejum total por mais que um dia”, ele diz. Sucos de frutas podem ajudar na manutenção do nível de carboidrato.

Craig pergunta: “O que afinal desejamos alcançar com o jejum? Se buscamos um elevado nível espiritual, não seria melhor comer despreocupadamente bons alimentos, fazer exercício físico ao ar livre, ou talvez um retiro nas montanhas, em lugar de ficar preocupado, pensando continuamente em comida, doença, falta de exercício, etc.?”

### Aplicação pessoal

**P**articularmente, tenho experimentado várias modalidades de jejum: um dia, só leite, sucos, ou uma sopa leve caso sinta um pouco de tontura; noutra dia, apenas comendo alimentos simples, sem gordura ou açúcar; ou ainda deixando de comer durante um dia. Minha experiência não tem sido tão consistente quanto eu gostaria de relatar, mas tenho algo a dizer sobre o sentimento que o jejum total parece inspirar – um sentimento de que tenho dado tudo, até meu apetite, para Deus, em meu desejo intenso de obter uma resposta Sua para uma oração. E isso, por si mesmo, já nos predispõe a aceitar qualquer resposta que Ele tenha para nós.

O *Westminster Dictionary of Christian Spirituality* resume sabiamente o assunto do jejum: “É a oração do corpo; afirmando a totalidade de uma pessoa numa ação espiritual; dá ênfase e intensidade à prece, expressando, especificamente fome de Deus e de Sua vontade. Afirma a bondade da criação por significar a rendição temporária do gozo de alguns de seus benefícios, e, portanto, sempre inclui um elemento de gratidão. É um treinamento na disciplina cristã, e especificamente contra o pecado da glotonaria; expressa penitência pela rejeição e crucifixão de Cristo pela raça humana. Dá-nos a oportunidade de seguir o exemplo de Cristo em Sua forma de jejuar, além de ser um elemento de mortificação. Traduz a aceitação da morte do eu, na morte de Cristo, e com isso um ato de fé na ressurreição.”

Em virtude do testemunho conjunto dos ensinamentos bíblicos, da história da Igreja, dos conselhos de Ellen White, e das descobertas científicas, deve haver algo especial com o jejum. Como indivíduos e como Igreja, penso que devemos jejuar mais em conexão com nossas orações, sendo cuidadosos em como definir e praticar essa boa disciplina espiritual.

# Cada pastor um conselheiro

---

GREGORY MATTHEWS

*Capelão jubilado do Exército  
dos Estados Unidos*

---

**R**oberta olhou o boletim pela segunda vez. Ela não era adepta de qualquer igreja. Vivía fora de casa, alistada no Exército dos Estados Unidos da América do Norte. Alguma coisa no boletim anunciando uma série de conferências evangélicas chamou sua atenção. Como as palestras abordariam certas áreas específicas de sua vida, ela resolveu ir ao local de reuniões. Foi bem recebida pelas recepcionistas, e cada semana reunia-se com Tiago, um diácono da igreja, e sua esposa, para estudos mais profundos sobre a vida cristã. Algumas vezes faziam refeições juntos.

Terminado o seu período de serviço no exército, Roberta voltou à vida civil. Imediatamente uniu-se à igreja e batizou-se pouco tempo depois. Aconteceu, no entanto, uma tragédia. O relacionamento de Roberta com Tiago tornou-se cada vez mais estreito até que uma gravidez a surpreendeu. Confusa a respeito do que fazer, ela procurou Maria, um membro da equipe evangélica e alguém em quem ela pensava poder confiar.

Dentro de pouco tempo, a notícia espalhou-se. A comissão da igreja reuniu-se para discutir a disciplina que seria imposta ao caso. Cópias de uma carta anônima foram distribuídas, advertindo as famílias no sentido de não darem abrigo a Roberta, como medida para proteger os esposos.

Devastada, Roberta deixou a comunidade, praticou um aborto, e reintegrou-se no exército. Foi aí que a encontrei. Na verdade, quando nos vimos, percebi que ela queria algo mais do que uma higiene mental ou psicológica pode oferecer. As questões com as quais lutava incluíam Deus, igreja e pessoas. Minha responsabilidade para com Roberta era mais que a de um pastor. Por duas vezes, ela confiou. E duas vezes foi traída. Primeiro, um diácono no qual ela

buscou orientação espiritual. Depois, Maria, para quem ela abriu seu coração.

Roberta sentia-se condenada e rejeitada. Ela e eu necessitávamos falar sobre Deus e pessoas que agem em lugar de Deus. Necessitávamos falar sobre pecado, culpa e perdão. Roberta necessitava compreender a natureza humana e a restauradora graça de Deus. Esses são alguns assuntos que afetam o aconselhamento pastoral.

---

## Mais que conselhos

---

**O**que é aconselhamento pastoral? É mais que dar conselhos sobre temas espirituais ou explicar as Escrituras. Funde perspectivas teológicas com o aconselhamento em si. A Teologia nos fala como Deus interage na vida humana, e as ciências sociais nos expõem as necessidades e o comportamento humanos. Aconselhamento pastoral trabalha com os dois aspectos e beneficia àqueles que enfrentam barreiras. Sem uma perspectiva teológica, o aconselhamento deixa de ser pastoral. Por outro lado, sem uma compreensão da natureza e do comportamento humano, o aconselhamento é de pouco valor.

Tomemos por exemplo a culpa, uma condição humana universal. Como conselheiros pastorais, temos algo mais a oferecer a pessoas escravizadas pela culpa, do que os conselheiros profissionais. Podemos falar do perdão de Deus, reconciliação e restauração. Em virtude disso, um conselheiro pastoral devidamente habilitado pode ajudar a pessoas que, como Roberta, lutam com a culpa.

Eduardo serviu ao Exército americano por quase 30 anos, alcançando importantes posições. Mas agora tudo parecia acabado. Esperava que uma comissão de ava-



liação o recomendasse para uma determinada promoção, o que não ocorreu. Assim, ele considerou sua próxima função o fim de tudo, e, desgostoso, retirou-se da corporação. O problema de Eduardo era essencialmente um conflito espiritual. Em tais situações, a psicologia secular pode dar alguma ajuda, mas um conselheiro sensível à vida em todas as suas dimensões – envolvendo Deus, pessoas, etc. – tem mais para oferecer.

Uma perspectiva espiritual de vida, entretanto, nem sempre é bastante para ajudar a indivíduos turbados. Rosa, por exemplo, veio de uma família desajustada. Ainda criança, viu sua mãe tornar-se inválida e

confinar-se ao quarto. Seu pai aceitou a fé evangélica e tornou-se líder da congregação local. Mas seu relacionamento com a filha era negativo e agressivo. Frequentemente atribuía aos “pecados” de Rosa a enfermidade da esposa. Trazia namoradas para a própria casa e também abusava sexualmente da filha. Durante tempos de crise financeira, Rosa tinha que abandonar a escola parquial, enquanto seu irmão recebia a melhor educação possível.

Finalmente a menina deixou o lar. Parou de frequentar a igreja e adotou um estilo de vida que lhe deixou mais atormentada ainda. Mas alguma coisa começou a chamar-lhe de volta às antigas raízes. Ocasionalmente se

aventurava a procurar uma congregação, buscando ajuda para mudar. Um pastor aconselhou-a a perdoar o pai, e orar para fortalecer-se espiritualmente.

É claro que o pastor estava certo. Rosa necessitava perdoar seu pai, mas isso viria depois. Sua necessidade momentânea era de ajuda para romper com aquele estilo destrutivo de vida. Foi então a uma clínica de saúde mental, onde uma equipe médica sugeriu-lhe que a restauração de seu relacionamento com a igreja poderia ser saudável. Como ministro, uni-me à equipe.

### Mais que oração

**L**evei a sério o chamado da igreja para uma mudança de estilo de vida, mas alguém que convida à mudança deve também proclamar o poder pelo qual isso é possível. Uma atormentada Rosa necessitava mais que oração. Usar o conhecimento que Deus tem providenciado, da natureza humana, não significa negação da fé. Rosa precisava mais ajuda do que o pastor sozinho podia oferecer.

Para aqueles que têm interiorizado valores religiosos, a religião é realmente um fator positivo na saúde mental e na vida social. Mas tal não é o caso com aquelas pessoas cujos valores religiosos são externos, e elas necessitam de aconselhamento pastoral. O pastor conselheiro pode ajudá-lhes a reconhecer que o comportamento destrutivo é, freqüentemente, sintomático de uma profunda crise espiritual. Esse reconhecimento demanda um correto relacionamento com Deus, antes de qualquer tentativa para mudar o comportamento.

Os indivíduos comumente expressam suas questões emocionais em termos de pessoas, objetos e instituições que são significativas em suas vidas. Isso inclui Deus, igreja, familiares, sociedade, escola e ambiente de trabalho. Por ocasião da morte de crianças, por exemplo, eu tenho recebido mães que chegam a me golpear com os punhos, esbravejando contra Deus. Jamais tento defender a Deus. Ele nunca é o problema. A questão é a perda em si e a tristeza. É para isso que tento direcionar a atenção.

### Nem tudo é pecado

**T**enho visto pessoas em aberta rebelião contra os padrões de sua igreja. Usual-

mente o problema não é uma luta religiosa, mas uma falha em aceitar autoridade. Tratar com essas pessoas num plano religioso é freqüentemente insensato. Para ser efetivo, o conselheiro pastoral deve ajudar-lhes a resolver a questão subjacente de aceitação da autoridade. Uma vez feito isso, a luta com Deus e a igreja estaria aparentemente resolvida.

Um comportamento destrutivo nem sempre é fruto de pecado pessoal. Outros fatores podem estar envolvidos. Algumas enfermidades mentais, por exemplo, estão associadas com anormalidades cerebrais e genéticas, ou neurose química. A sugestão de que oração e teologia representam a resposta final para seus problemas, não é uma ajuda total. A causa implícita clama por atenção. Daí a necessidade de que os ministros envolvidos com aconselhamento tenham treinamento adequado na compreensão das condições humanas e sejam hábeis para relacionar-se apropriadamente com pessoas problemáticas.

Consideremos o caso de João e Jane. Eles dedicaram suas vidas ao Senhor e tornaram-se líderes na congregação que freqüentavam. Vieram de boas famílias. Mas acabaram se deparando com um processo traumático de divórcio. Acusações de parte a parte foram trocadas. O processo de audiências arrastou-se por meses. As crianças sofreram. Durante o aconselhamento, foi descoberto que os pais de ambos tiveram uma experiência passada semelhante. E também eram líderes de igreja. Seu casamento também foi desfeito através do divórcio, entre grosseiras acusações.

Segundo as ciências sociais, muito do comportamento destrutivo é aprendido. As teorias a respeito do sistema familiar sugerem que geralmente há uma terceira e quarta geração de conduta defeituosa. Jane e João necessitavam aprender novas maneiras de viver e relacionar-se. Necessitavam de conselheiros pastorais que compreendessem seus problemas. Desafortunadamente, tal aconselhamento não chegou a tempo.

Nenhum conselheiro pastoral será capaz para providenciar toda ajuda necessária. Alguma coisa sempre terá de ser feita por outros profissional. Isso não significa abandono da pessoa por parte do pastor. Quando pastor, capelão e outros conselheiros trabalham juntos, num relacionamento cooperativo, o processo da cura é realçado.

# Impulsionado pelo amor de Cristo

---

DAVID VANDENBURGH

*Pastor da IASD de Campus Hill, e professor de Religião na Universidade de Loma Linda, Califórnia, EUA.*

---

**Q**uero iniciar estas considerações a respeito de pregação expositiva, dando uma visão geral sobre o meu processo de preparar um sermão. Ele começa com a seleção de uma passagem; minha preferência é tê-la como parte de uma série desenvolvida em cima de um livro da Bíblia. Isso ameniza a agonia de não saber qual será o texto do sermão do próximo sábado. Algumas vezes, no entanto, é difícil decidir quanto da passagem será focalizado. Um capítulo? Um versículo?

Em seguida, levo em consideração os ouvintes. Quem são eles? Quais são as suas necessidades, suas interrogações, suas lutas, alegrias e tristezas? Daqui, eu volto ao texto e medito no seu significado, passado e atual. Então, rascunho um esboço de sermão e reflito sobre como ele deveria ser apresentado aos ouvintes. Depois, penso no objetivo que desejo alcançar, buscando sempre estar seguro de que falarei sobre o que o texto realmente quer dizer. Nesse ponto, devo estar apto para desenvolver várias maneiras diferentes de apresentação do texto, esboçando-as lado a lado.

Agora é o tempo de decidir o melhor caminho para a apresentação da mensagem – o melhor esboço, a melhor narrativa, argumentos e ilustrações que me permitam pregar da forma mais agradável possível. A essa altura eu já estou trabalhando extensivamente no esboço. Uso o meu computador, para facilitar as mudanças e ajustes necessários. Gradualmente o sermão vai tomando forma.

No final de tudo isso, faço a minha pergunta mais importante: “E agora?” Algumas vezes todas as coisas se fragmentam aqui, se o sermão não for pregado. Muito frequente-

mente, a pergunta “e agora?” leva à revisão do trabalho de esboço. Muitas vezes o menor ponto é expandido ao máximo no final do sermão, e o maior ponto acaba comprimido numa sentença. O objetivo é dizer algo importante aos ouvintes, permanecendo absolutamente fiel ao texto.

A tarefa final no preparo do sermão é produzir um esboço de pregação, a menos que alguém não utilize anotações. Agora, vejamos todo esse processo detalhadamente.

## **Escolhendo a porção bíblica**

---

**L**ogo de início, eu costumo escrever o texto na parte superior de uma folha de papel. Tomemos para este sermão, a passagem de II Coríntios 5:14 e 15. Fui atingido pela idéia de que Paulo foi compelido, ou constrangido, pelo amor de Cristo. Sua vida evidenciava que alguma coisa além do interesse próprio o impulsionava. O mesmo deveria ser dito de cada genuíno cristão. Em segundo lugar, fui confrontado com a declaração paulina sobre a causa pela qual o amor de Cristo o compeliu. Há, porventura, um sermão aqui? Diz esse texto alguma coisa significativa a mim e a meus fiéis? Poucos momentos de meditação convenceram-me de que nele existem muitas possibilidades. Esse é um material altamente homilético!

Eventualmente busquei apoio em outra porção bíblica – II Cor. 5:13-21. Ela provê o contexto imediato, necessário à compreensão da porção central do texto sobre o qual o sermão focalizará, ou seja, os versos 14 e 15. Achei que poderia ser difícil expor os versos 14 e 15 sem contínua referência aos versos anteriores e posteriores.



## Os ouvintes

**U**ma boa pregação bíblica torna o texto significativo para as necessidades dos ouvintes. Isso requer a colocação do texto no contexto: primeiro, o contexto do mundo no qual os ouvintes vivem, e, então, os mais comumente reconhecidos aspectos do contexto bíblico.

Para pregar bem, alguém deve expor a Escritura, mas também fazer continuamente a pergunta “e agora?” Não é bastante dizer a um ouvinte que “isto é o que o texto significa”. O pregador deve também dizer “é por isso que ele é importante para nós”. Assim, ao iniciar o preparo de um sermão, é muito importante perguntar “como o povo ouvirá este sermão? Qual é a sua necessidade, que problemas está enfrentando?” Então, enquanto examina o texto, o pregador também tira as respostas para as questões que os ouvintes provavelmente levantarão.

## O texto

**D**epois de considerar os ouvintes, passo agora a refletir sobre o texto. A primeira coisa que devo saber a seu respeito é o contexto, fundamental para a exegese. Tendo respondido as questões contextuais, olho as construções gramaticais e examino as palavras importantes. Nesse ponto, tento elaborar um esboço.

Para apresentar um bom sermão expositivo, o pregador deve imergir-se nas palavras, na teologia e nos antecedentes escriturísticos. Deve estar familiarizado com todo o contexto no qual o livro da Bíblia está inserido. Não há substitutos para a exaustiva leitura do livro em consideração. Somente quando for conhecido, de memória, o conteúdo de cada capítulo, é possível compreender-se a interligação das variadas partes e dos argumentos. Especialmente em se tratando das epístolas.

Para mim, nada é mais importante na pregação expositiva, do que ver o texto em seu contexto. Certo dia, vi um comercial de televisão que ilustra bem esse ponto. O filme mostra uma mancha isolada. Que será? No início, é impossível dizer. Gradualmente a câmara vai mostrando novas manchas, uma após a outra. As primeiras duas ou três são da mesma cor, mas as outras são diferentes. Ainda assim é impossível dizer o que são elas. A câmara continua rodando. As cores iniciais

mudam, aparece algum contorno, a borda de alguma coisa, uma curva. As manchas iniciais se misturam tomando uma forma ainda desorganizada. Finalmente, a descoberta! As manchas formaram um círculo escuro, que nada mais é que a pupila de um olho. Depois aparece uma face; e, por fim uma criança.

É impossível superestimar a importância da compreensão do contexto no qual o texto está inserido. Essa compreensão é conseguida partindo-se do contexto maior, passando-se progressivamente ao contexto imediato, até chegar ao texto. Na passagem que escolhemos, de II Coríntios 5:14 e 15, devemos considerar o mundo do Novo Testamento. Vejamos:

Paulo (ainda como Saulo), era um fariseu. Logo após a morte e ressurreição de Jesus Cristo, nós o encontramos lutando para destruir a Igreja cristã. Ele estava convencido de que o Cristianismo era uma heresia e que Jesus era um impostor. Mas depois de encontrar o Cristo vivo na estrada de Damasco, tornou-se convencido de que Ele era, de fato, o longamente esperado Messias. E com todas as suas forças saiu a proclamá-Lo entre judeus e gentios. O que mudou?

Obviamente, depois da experiência da estrada de Damasco, ele conheceu que Cristo estava vivo. Mas por que deveria isso fazer Paulo mudar de rumo? Certamente Deus lhe deu uma missão como apóstolo dos gentios, mas qual seria sua mensagem – simplesmente que Cristo vivia? Qual o significado disso? Talvez a experiência da estrada de Damasco fosse menos significativa do que os três dias seguintes de cegueira. Três dias durante os quais Paulo lutou com a mais desconcertante questão de sua vida, a questão de como poderia Cristo ser ao mesmo tempo maldição e bênção de Deus.

Paulo, seguramente, conhecia a declaração escriturística segundo a qual todo o que for pendurado no madeiro é maldito de Deus (Deut. 21:23; Gál. 3:13). Ele certamente creia que Jesus não era o Messias, porque foi “maldito de Deus”. Ao encontrar-se com Jesus na poente estrada, Paulo começou a entender os fatos. Jesus fora exaltado, no entanto era como um maldito de Deus. Como poderiam essas duas questões aparentemente irreconciliáveis ser harmonizadas?

Quem sabe, a resposta lhe veio durante os três dias em que permaneceu cego, antes do seu batismo, talvez mais tarde. Seja como for, ele viu que Jesus era maldito de Deus, no sentido vicário; não por ter Ele cometido

pecado, mas pelo pecado de outros. A partir daí, o centro da mensagem de Paulo deveria ser a expiação vicária de Cristo. A bem conhecida e freqüentemente citada ênfase na justificação, pela teologia paulina, deve ter origem em sua luta para encontrar uma resposta para o dilema que nasceu em sua mente, no dia em que encontrou a Cristo.

Nossos versos em II Coríntios 5 são produto da mente de Paulo, modelado por sua compreensão do que Jesus é, o que Ele fez, o que representou. Para compreender esses versos, precisamos entrar na mente de

Paulo, penetrar sua experiência, lutar com suas questões e regozijar com suas descobertas. Isso é o que eu entendo por compreender ao máximo o contexto do Novo Testamento, no qual esses versos aparecem. Se pudermos fazer isso, então começamos a compreender o primeiro dentre os muitos contextos nos quais o texto deve ser colocado.

O contexto imediato é o relacionamento de Paulo com a igreja de Corinto e os destinatários de sua carta. O apóstolo explana que suas atitudes em relação a eles são compelidas pelo amor de Cristo.



Diante disso tudo, já é possível ver porque a descoberta do contexto é mais que uma parte importante da compreensão do texto; deve ser também a melhor maneira para se pregar um sermão. Ler o texto e descrever seu contexto deve ser tudo o que os ouvintes necessitam para compreender o que Deus está dizendo no texto, não apenas aos ouvintes originais mas aos de hoje também. A descrição da declaração original e dos argumentos do autor deve ser tudo o que é necessário para estabelecimento de pontos de contato que levem os ouvintes a dizer: “Minha vida se identifica com esta situação. Deus está falando para mim.”

### Exegese

Não há uma linha clara entre a compreensão do contexto e fazer outros tipos de exegese. No primeiro caso, posso usar minha mente, mas para fazer o último, necessito de instrumentos. É aqui onde recorro à língua grega e faço minha tradução. Olho as palavras, verbos e substantivos; identifico as palavras mais importantes, uso uma concordância bíblica para encontrar semelhanças, examino a gramática, e tento captar a contribuição de todos esses instrumentos.

No texto em consideração, por exemplo, há uma questão gramatical óbvia a ser resolvida no verso 14. Trata-se da expressão “o amor de Cristo” (*agape tou Christou*), um genitivo objetivo, ou subjetivo? Se é objetivo, então a frase significa “o amor que eu tenho por Cristo me constrange”; se subjetivo, a expressão quer dizer “o amor que Cristo tem por mim, me compele”. De fato, há inevitáveis discordâncias entre comentaristas, sobre como, ou mesmo se a questão pode ser respondida gramaticalmente. Talvez não faça muita diferença, pois o amor de Jesus por nós dá origem a nosso amor por Ele (I João 4:10). Em ambos os casos somos compelidos.

Nos escritos de Paulo, o genitivo depois de *agape* é sempre subjetivo (ver Rom. 5:5; 8:39; 15:30; II Tess. 3:5; Efés. 2:4; Col. 1:13). Considerar as duas possibilidades somente enriquece o sermão.

Uma outra questão exegética é o significado de duas frases: “um morreu por todos” e “logo, todos morreram” (II Cor. 5:14). O aoristo da primeira frase sugere a única e todo abrangente morte de Jesus no Calvário. Ela aconteceu no tempo e espaço como um evento histórico consumado. O aoristo da

segunda frase sugere algo similar, mas consideravelmente duro de compreender – em algum ponto no tempo e espaço todos nós morremos. A referência de Rom. 6 leva-nos a uma declaração paulina semelhante: “Nós morremos para o pecado” (verso 2); “foi crucificado com Ele o nosso velho homem” (verso 6). Quando e como nós morremos para o pecado? Quando e como nosso velho homem foi crucificado? O argumento de Paulo torna claro que o “como” foi “em Cristo” (versos 3, 4, 5, 6, e 8); e o “quando” foi por ocasião da morte de Cristo. Deus negociou-nos com Cristo. Colocou-nos nEle, e nEle morremos. Fomos sepultados e fomos ressuscitados. NEle, agora nós sentamos à destra de Deus (Efés. 2:6). Paulo tornou-se convencido de tudo isso, e essa convicção conduziu sob o impelente amor de Cristo.

Há um paralelo entre nosso texto e Romanos 6. Estar “constrangido” em II Cor 5:14 faz paralelo com “sabendo isto, que foi crucificado com Ele o nosso velho homem”, combinado com “assim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus” (Rom. 6:6 e 11). Estar “constrangido” pelo amor de Cristo faz paralelo com “ofereci-vos a Deus como ressurretos dentre os mortos” (Rom. 6:13). Em ambos os casos, uma compreensão do significado da cruz leva o cristão a um ministério consagrado em favor de Cristo. Romanos 6 é a aplicação geral, a todos os cristãos, da experiência pessoal de Paulo com o evangelho e suas implicações para ele.

Nesse ponto da preparação do sermão, recorro aos comentários. Levando em conta que cada um deles tem alguma perspectiva diferente, busco ajuda no maior número que possa obter. Prefiro ler o que os comentaristas dizem, sem tomar nota. Isso previne quanto a tomar emprestadas sua linguagem e idéias específicas. Em lugar disso, quero ter minha própria compreensão do texto. Com esse método, tenho a ajuda dos comentaristas sem precisar citá-los no sermão.

Tendo feito o máximo de exegese, escrevo uma paráfrase do texto. Ela deve conter tudo o que sei sobre o texto, através da pesquisa e da leitura do que outros disseram. Eis uma paráfrase de II Cor. 5:14 e 15: “O amor que Jesus tem por mim e que eu tenho por Ele é a força que compele minha vida. Tudo o que faço e sou resulta disso. Meu amor por Ele procede da minha convicção de que Ele morreu por nós, na cruz, e que,

quando Ele morreu, nós todos morreremos nEle. E porque Ele morreu, deveríamos viver para Ele e não para nós mesmos.”

Aqui o divertimento acabou e o trabalho duro apenas começou.

### Esboçando o sermão

**P**ara mim, a parte mais cansativa no preparo do sermão chega com o esboço. Estudar o texto é um divertimento. Minha mente oscila entre uma multidão de idéias que poderiam ser exploradas em um sermão. Vejo preciosas lições em cada uma delas. Conselhos que podem ser ampliados e exemplos para destacar. Mas, qual das idéias é a central? Qual delas deveria ser deixada para um outro sermão? Como o sermão deveria ser arranjado?

A tarefa difícil aqui é passar da compreensão do texto para sua apresentação. Uma boa ajuda é encher uma página com resumos de esboços, rascunhando diferentes formas de apresentação do sermão.

Trabalhando com um computador, tenho a vantagem de sua habilidade para rearranjar elementos, criar e automaticamente numerar novos esboços. O processo é quase como uma brincadeira tentando reunir tudo o que sei sobre o texto, de diferentes maneiras.

Gradualmente vai surgindo um sentido de como manusear o texto, junto com a ordem de apresentação das principais idéias, e separação do que é mais importante do que não é. Decido a maneira de organizar o que eu quero dizer sobre o texto, uma maneira que aparece mais e mais frequentemente em meus rascunhos. Ela deve ser tão natural que deveria ser fácil de ser lembrada, sem parecer algo forçado aos ouvintes.

### Tema e objetivo

**E**ste é o momento em que eu questiono sobre o tema e o objetivo. Qual é o tema do sermão? Nós, a exemplo de Paulo, seremos controlados pelo amor de Cristo quando também compreendermos que a vida e a morte de Cristo são nossas. Qual o objetivo? Proclamar o evangelho de um modo que crie fé e nova vida.

Novamente vem a pergunta: “e agora?” Eu tenho investido tempo estudando o texto; reuni um feixe de possíveis sermões que poderiam ser pregados a respeito dele. Mas, e agora? Merece ser pregado? Existe alguma

boa razão para tomar o tempo de dezenas de pessoas para ouvir este sermão? É ele importante? E agora?

Minha teologia pastoral diz que as pessoas necessitam ouvir a história do evangelho muitas vezes, e sempre de uma nova maneira. Embora tenham-na ouvido uma vez no passado, elas não são as mesmas pessoas hoje. E além disso, talvez haja no auditório alguém que nunca ouviu antes, nem ouvirá de novo. O evangelho é sempre novo porque as pessoas que o escutam são diferentes hoje, em relação ao passado. Seu mundo é diferente. Suas necessidades se modificam. Elas vêm com ouvidos e mentes diferentes.

Se eu puder tornar viva a história de Jesus, especialmente a história da cruz; se eu puder fazê-la real, se eu puder relacioná-la com as necessidades e emoções humanas básicas, então alguém, por certo, dirá: “Já ouvi isso antes, mas hoje, por alguma razão especial, compreendi realmente que foi para mim que Ele veio, foi por mim que Ele morreu.” Esse suposto ouvinte terá interiorizado e operacionalizado algo que antes lhe pareceu apenas uma proposição teológica abstrata. Cristo veio viver para ele, como Senhor e Salvador.

Quando eu me deparo com a questão “e agora?”, relacionada ao texto e ao sermão, respondo com a clara convicção de que isto é importante, básico, é assunto de vida ou morte. Afinal, o que poderia ser mais importante do que mostrar às pessoas onde elas podem encontrar vida?

### Narrativa e ilustrações

**A** essa altura, é o momento de buscar ilustrações que facilitem a compreensão e a memorização dos pontos de vista apresentados. Buscar histórias que podem reforçá-los e inseri-las com um toque artístico, de tal modo que tornem vivas as idéias.

Primeiramente, eu penso em quais histórias novas serviriam como ilustrações, e se há alguma história bíblica que possa ser utilizada. Se não houver boas histórias, recorro à minha coletânea de ilustrações.

Nos últimos anos tenho experimentado mudanças em meu estilo de pregar – do didático/intelectual para o narrativo/afetivo. Ainda no processo de preparo, pergunto-me se não existiria alguma forma de apresentar o sermão num estilo narrativo. Seria possí-

vel tomar o que tenho aprendido do texto e partilhar isso em forma de história?

No caso particular da história do encontro de Paulo com o Jesus ressurreto, e sua experiência pessoal com a igreja de Corinto, sugiro que esse texto pode ser pregado a partir da narrativa da jornada de Paulo para Damasco. Ele estava seguro de sua compreensão a respeito da suposta falsidade do cristianismo, imaginando que Jesus não podia ser o Cristo, já que Se tornara “maldito de Deus”. Então ele encontrou o Cristo vivo. Como pode ser isso? Como pode um ho-

mem maldito de Deus ser exaltado? Posso descrever o tormento vivido pelo apóstolo durante aqueles três dias de cegueira em Damasco, enquanto lutava para reunir, como num quebra-cabeças, aquilo que faz sentido com tudo o que ouvira a respeito de Deus e das Escrituras. Posso também levar os ouvintes a partilhar de sua excitação no momento em que, num lampejo ele compreende que Jesus foi “maldito de Deus”, não por Si mesmo, mas porque “Aquele que não conheceu pecado, Ele o fez pecado por nós; para que nEle fôssemos feitos justiça de Deus” (II Cor. 5:21).

Através dessa narrativa, eu posso transformar um argumento teológico num drama com grande apelo humano e arte. Posso fazer dramática e viva a descoberta do evangelho por Paulo. É possível tomar a doutrina da Justificação pela Fé e torná-la viva através da experiência desse grande homem de Deus. Posso tecer uma linha que liga a experiência de Paulo com a experiência dos meus ouvintes. Posso mostrar o apóstolo Paulo como um exemplo de pessoa que era tão seguro de que estava certo, que estava terrivelmente errado. Posso até mesmo sugerir aqueles que em minha congregação mostram-se rígidos em suas opiniões, que eles deveriam imitar a Paulo e repensar sua própria fé.

Podendo escolher entre uma apresentação

narrativa de conceitos derivados de um texto da Escritura, e uma apresentação didática desses mesmos conceitos, eu deveria escolher sempre a primeira opção. Não é sem razão que Deus apresenta a história bíblica numa forma narrativa.

Feita a opção pela narração, o esboço deve ser diferente do que seria, caso fosse apresentado de uma maneira mais didática.

Dois grandes narrativas compõem a linha principal do sermão. Na verdade, dois caminhos a partir da narrativa: um segue a reflexão teológica sobre o que significa ser com-

pelido pelo amor de Cristo, e outra, seguindo uma reflexão igualmente teológica sobre o que significa ser convencido de que se Um morreu por todos, logo todos morreram. Tudo isso deveria prover abundância de cores, dinamismo e interesse. A parte teológica dá oportunidade para tecer uma linha da experiência de Paulo ao texto, e daí para nossa vida. Os conceitos teológicos perdem a abstração e a aridez, através do estilo narrativo. Isso me parece um modo muitíssimo melhor de trabalhar

material teológico e doutrinário, do que o método usual de exposição ou instrução de tópicos.

### Esboço

Usar ou não esboço é um assunto altamente pessoal. Alguns pregadores usam um manuscrito para ler; outros pregam sem qualquer tipo de anotação. Há quem fique no meio-termo, usando um esboço apenas para ativar a memória. O que o pregador decidir, deve ser o melhor para ele. Falando de minha experiência pessoal, o melhor é o menor esboço que eu possa carregar. Procuro preparar-me gastando o máximo de energia e tempo. Levo comigo o mínimo em forma de notas – e experimento o máximo de liberdade em minha pregação.

---

A leitura do texto e descrição do seu contexto devem despertar ouvintes a convicção de que Deus está lhes falando ainda hoje. Cada membro na congregação deve dizer: “Minha vida se identifica com esta situação. Deus está falando para mim.”

---

# Infidelidade ao voto matrimonial

---

ROBERT M. JOHNSTON

*Professor de Novo Testamento e Princípios  
Cristãos, na Andrews University.*

---

**A** posição adventista do sétimo dia a respeito do divórcio e novo casamento, tem como principal fundamento básico a seguinte declaração do *Manual da Igreja*: “No sermão do Monte, Jesus afirmou claramente que não podia haver dissolução do laço matrimonial, a não ser por infidelidade ao voto conjugal.” (*O Maior Discurso de Cristo*, pág. 63; Mat. 5:32; 19:9).

“E quando disse: ‘Não o separe o homem’, estabeleceu uma norma de procedimento para a Igreja sob a dispensação da graça que devia sempre transcender todas as legislações civis que ultrapassassem a interpretação divina da lei de Deus que governa a relação matrimonial. Dá Deus aí, para Seus seguidores, uma regra que devem seguir quer o Estado ou o costume em voga permitam maiores liberdades, quer não.”

O principal problema com essa declaração é concernente a seu significado. O que é que determina o significado de uma declaração — o propósito do autor ou a compreensão dos leitores? É o significado extraído, ou importado, ou produzido pela integração entre as duas hipóteses? Quando uma declaração possui múltiplos autores, como no caso do produto de uma comissão, têm eles o mesmo pensamento? São introduzidas ambigüidades intencionais a fim de permitir o consenso? É o significado de uma palavra, numa declaração, determinado apenas por seus antecedentes, ou pode evoluir? Deve uma exegese ser limitada pelo provável propósito original, ou pode haver algo como um *sensus plenior*, que permite aos leitores e gerações posteriores encontrar dimensões de significado que jamais foram imaginadas pelo autor original, ou autores?

Tais são as questões que nós enfrentamos

quando interpretamos mesmo uma declaração curta como a que transcrevemos anteriormente.

---

## O Manual e a infidelidade

---

**O** *Manual da Igreja* estabelece que o laço matrimonial é indissolúvel, exceto por “infidelidade ao voto conjugal”, e que essa é a norma estabelecida por Jesus, que transcende as leis civis e os costumes sociais. Três observações devem ser feitas aqui.

Primeira, a norma admite uma exceção à proibição do rompimento: “infidelidade ao voto conjugal”.

Segunda, a declaração parece usar a linguagem de indissolubilidade doutrinária. No desenvolvimento inicial do cânon católico, Agostinho via o casamento como um sacramento, apresentando-o como indissolúvel. No entanto, o significado disso, segundo ele, era que a união *não deveria* ser dissolvida. O escolasticismo medieval deu um passo além, e destacou que o casamento *não poderia* ser dissolvido. Isso significava que duas pessoas que se divorciassem continuavam casadas à vista de Deus, e por essa razão não poderiam casar novamente sem cometer perpétuo adultério.

O aparente significado dos autores do *Manual da Igreja* é mais consentâneo com o pensamento agostiniano original, do que com o posterior reforço escolástico; do contrário a frase exceção não seria mencionada.

Terceira, e mais importante observação, a norma é dada na forma de uma citação direta de Ellen White. Isso nos leva de volta ao significado de sua afirmação, e daí para um estudo da frase “infidelidade ao voto conjugal”.

**A** declaração diz: “No sermão do Monte, Jesus afirmou claramente que não podia haver dissolução do laço matrimonial, a não ser por infidelidade ao voto conjugal.” Dois aspectos chamam a nossa atenção.

O primeiro é a referência ao “voto conjugal”. Sem dúvida, Ellen White tinha em mente o voto tradicional que era parte da cerimônia de casamento em seus dias, e que, com alguma modificação, ainda é encontrada nos manuais para ministros. A forma comumente utilizada diz alguma coisa como: “Prometes solenemente diante de Deus e na presença destas testemunhas tomar a fulano/fulana de tal como esposo/esposa, para viverem juntos segundo os mandamentos de Deus, no santo estado do matrimônio? Queres amá-lo(a), consolá-lo(a), honrá-lo(a), protegê-lo(a), na enfermidade e na saúde, na prosperidade e na adversidade; e, renunciando a todo(a)s o(a)s outro(a)s, conservar-te somente para ele(a) enquanto ambos viverdes? Assim o declassas?” A isso os noivos respondem “sim”. Esse é o “voto conjugal”, após o qual o ministro formalmente declara ambos como marido e mulher, acrescentando que “o que Deus ajuntou não o separe o homem”.

As palavras-chaves são “renunciando a todo(a)s o(a)s outro(a)s, conservar-te somente para ele(a) enquanto ambos viverdes”. É a violação dessa parte do voto que tem sido tradicionalmente compreendida como terreno para o divórcio. A pergunta que realmente devia ser feita, embora não respondida a essa altura, é se a violação de alguma outra parte do voto também pode tornar-se

favorável para o divórcio.

O segundo aspecto a ser notado, é que a afirmação de Ellen White ocorre numa exposição sobre o Sermão da Montanha, especificamente sobre Mat. 5:32, passagem paralela a Mat. 19:9. Portanto, a busca para compreensão posterior sobre “infidelidade ao voto conjugal” deve levar-nos aos ensinamentos de Cristo, relatados no Evangelho de Mateus.

### **A exceção em Mateus**

**D**esde que a frase usada por Ellen White, “a não ser por infidelidade ao voto conjugal”, faz parte de seu comentário sobre Mat. 5:32, parece claro dizer que ela pretende ser uma paráfrase da exceção feita por Mateus, que na versão *King James* poderia ser interpretada como “salvo por causa de fornicação”.

É bem sabido que Mateus é o único entre os evangelhos sinóticos (Mateus, Marcos e Lucas) a inserir a cláusula de exceção, pronunciada por Jesus a respeito do divórcio. Marcos e Lucas não fazem qualquer tipo de ressalva. A frase de Mat. 5:32, que a versão *King James* traduz como “salvo por causa de fornicação” vem do grego *parektos logou porneias* (Mat. 19:9 diz *me epi porneia*). Há muita discussão sobre o significado de *porneia*.

Essa é uma palavra mais geral que *moicheia*, cujo significado

é adultério. Tratando com questões lexicográficas, assim tão rapidamente, devemos lembrar que *porneia* é um termo geral, usado para qualquer mau procedimento sexual. Segundo antigas fontes gregas, originalmente ele era usado para identificar a prostituição de escravas, mas acabou significando qualquer desvio sexual, inclusive adultério. No judaísmo, a palavra era algumas vezes

---

Para Agostinho, o casamento era uma união indissolúvel, no sentido de que não deveria ser desfeita. O escolasticismo medieval deu um passo além, e destacou que o casamento não poderia ser dissolvido. O Manual da Igreja está mais de acordo com o pensamento agostiniano.

---

aplicada às relações sexuais, no casamento, contrárias às leis judaicas, como por exemplo, num matrimônio entre um judeu e um gentio antes da conversão desse, ou dentro dos graus de proibição descritos em Lev. 18.

Muitos eruditos têm visto a ressalva de Mateus como uma referência à causa de divórcio, de acordo com Deut. 24:1, que fala de um homem dando termo de divórcio à esposa, e despedindo-a, por “ter ele achado coisa indecente nela”. Na língua hebraica, segundo a *Revised Standard Version*, “coisa indecente nela” é *bah ervat dabar*. A expressão *logos porneias* poderia muito bem ser uma tradução literal de *ervat dabar*. Se isso é correto, devemos voltar a Deut. 24:1.

### Que é “indecência”

**O** significado e a tradução correta de *ervat dabar*, em Deuteronômio 24:1, são menos seguros e mais debatidos do que *logos porneias* em Mateus. Somente em mais uma vez a expressão aparece no Velho Testamento, no capítulo precedente, Deut. 23:14 (verso 15, na Bíblia hebraica). Aí a referência é à matéria fecal, que pode também ser o significado em Deut. 24:1.

Como se sabe, no tempo de Jesus, os rabis não se harmonizavam quanto ao significado de certos assuntos. O debate entre a escola de Shammai e a escola de Hillel é resumido no Mishnah Gittin 9:10. Beth Shammai limitou *ervat dabar* à impureza, mas Beth Hillel relacionou-a com qualquer coisa que desagradasse o marido.

Dos ensinamentos de Jesus é evidente que Ele rejeitaria o ensinamento e o espírito de Beth Hillel neste assunto em particular. Mas a frase exceção em Mateus é apenas um pouco menos ambígua que sua correspondente em Deut. 24:1, e parece referir-se a ofensas de natureza sexual e não meramente a coisas como queimar o feijão, por exemplo.

### Ambigüidade e *sensus plenior*

**T**radicionalmente *porneia*, em Mateus, e “infidelidade ao voto conjugal”, segundo Ellen White, são expressões que têm sido compreendidas como referindo-se apenas ao adultério. Mas, suficientemente ambíguas para permitir uma compreensão ampla que pode, ou não, ter sido imaginada por Mateus e Ellen White.

Se *porneia* inclui qualquer desvio sexual

em geral, isso poderia envolver violência, frieza, ou abandono do leito matrimonial, por exemplo? Se uma tal interpretação ampla é admissível, então a declaração de Paulo em I Cor. 7:15, que parece favorecer a separação matrimonial, no caso de deserção do cônjuge descrente, pode ser vista como uma extensão legítima da ressalva de Mateus – embora Paulo não a apresente dessa maneira. Uma comparação do uso da palavra *agamos*, significando “solteiro”, quer por alguém nunca ter-se casado, quer por ter perdido o cônjuge por outras razões, nos versos 8 e 9, com *parthenoi*, nos versos 25 e 28, parece estender o direito de um novo casamento a pessoas divorciadas por tais razões.

O “voto conjugal” referido por Ellen White continha mais itens que a promessa de alguém limitar-se a um parceiro sexual. Poderia a violação de qualquer parte do voto também ser *porneia* e motivo para o divórcio? Por exemplo, de acordo com o voto tradicional, poderia uma pessoa requerer um divórcio, argumentando que o cônjuge deixou de amar, honrar ou exercer cuidado a seu respeito? Se a resposta for afirmativa, a formulação do voto matrimonial torna-se crucial.

A linguagem de textos autoritativos, como temos examinado, parece prover uma tal aplicação; por outro lado, a preponderância de ensinamentos nas Escrituras e nos escritos de Ellen White milita contra o divórcio fácil, induzido por emoções transitórias ou mesmo crônicas.

Temos limitado nossa discussão da frase “infidelidade ao voto conjugal”, no *Manual da Igreja* e os antecedentes dos quais ela é derivada – a declaração feita por Ellen White, o Evangelho de Mateus e Deuteronômio 24. Vimos que todas essas fontes fazem uso de termos-chaves que são suficientemente ambíguos para deixar margem a alguma latitude de interpretação. Esses termos são *logos porneia* e *ervat dabat*. Não podemos saber agora se essa ambigüidade foi premeditada pelos autores humanos, mas, desde que ela existe, devemos admitir que o Espírito Santo a preservou.

Isso coloca sobre a Igreja a responsabilidade de decidir quais princípios, ou normas específicas, são apropriados para nossa sociedade e nosso tempo, operando dentro do espaço deixado pela ambigüidade de documentos autoritativos.



# O pastor e a sexualidade

LEN MCMILLAN

Ph.D., diretor do DMI e Lar e Família da  
Associação Potomac.

**A**lguns pastores parecem conceber o inconcebível, mesmo ao sugerir que necessitam dialogar sobre a existência da ética sexual. Durante uma palestra para obreiros, sobre esse assunto, um jovem pastor interpelou-me advertindo contra o emprego de tempo para discutir um problema que, segundo ele, não existe. No final da programação, fui conversar com ele. Disse-me então que jamais tivera algum problema com ética sexual, e que nunca alimentara qualquer fantasia com ninguém, exceto a sua esposa. Mesmo assim, tais fantasias foram rigidamente controladas para que não se tornassem impróprias. Garantiu também que nunca foi tentado sexualmente, e que era degradante para qualquer pastor admitir imoralidade.

Meu coração palpitou por esse jovem pastor. "Sinto muito por sua alma", falei-lhe. "A negação de nossa sexualidade deixamos expostos à tentação. Entre *inocência* e *virtude* existe uma diferença muito vasta. Inocência é um estado no qual você nunca tem sido tentado. Virtude é um estado onde você tem sido tentado, mas pela graça de Deus é vitorioso no teste. Lamento, porque seu teste ainda está para vir e você pode estar despreparado."

## Armadilha pastoral

**A**s raízes da negação estão bem profundas no ministério cristão. Ao admitir tentações sexuais, alguns perguntariam, não estamos nos igualando a outros meros mortais? Será que isso não significa negação do chamado de Deus? Como podemos admitir

estar lutando com as mesmas tentações que assaltam nossas igrejas? Como podemos ajudar a outros na solução de seus problemas sexuais, se admitimos ter os mesmos problemas? A admissão de tentações no terreno do sexo, não torna os pastores menos efetivos como conselheiros e menos respeitados por suas congregações?

Além dessas questões, os pastores também são surpreendidos por algumas armadilhas profissionais. Uma delas é uma espécie de *superfamiliaridade com Deus*. Acostumamo-nos a falar tão freqüentemente com Deus e de Deus através do dia, que corremos o perigo de vê-Lo como um ser comum, que não suscita em nós um respeitoso e reverente temor. Mesmo nossa vida devocional torna-se uma parte do profissionalismo. Muitos pastores tomam notas para sermões, durante esse período de devoção. A recreação é integrada às atividades da igreja, e mesmo nosso lar é abocanhado pela igreja. Noutras palavras, nossa carreira e a igreja tornam-se sinônimos.

Outra armadilha é a *saturação de pecado*. Cada dia as pessoas nos procuram com seus fardos de pecado. Com freqüência, partilham suas angústias em vívidos detalhes. Essa constante exposição ao problema do pecado pode tornar insensíveis nossas mentes à sua hediondez. Sua picada então poderia ser caracterizada como mais um estereótipo comportamental.

A terceira armadilha é a *sobrecarga de trabalho*. O jovem pastor, mencionado no início deste artigo, falou-me que raramente tirava férias, porque estava "muito ocupado". Também raramente era encontrado

em casa. Quando os pastores falham em tomar tempo para desligar-se do trabalho, o resultado pode ser desastroso. Tomar tempo para afastar-se, mesmo dos negócios da Obra de Deus, não significa tempo afastado de Deus. Significa tomar tempo da nossa correria frenética

---

---

## Tomar tempo para afastar-se dos negócios da Obra de Deus, não significa tempo afastado de Deus. É tomar tempo da correria frenética para recriação e renovação.

---

---

para sermos recriados e renovados. Se Elias necessitou seis semanas afastado dos negócios de Deus, para renovar-se; e Cristo necessitava periodicamente de tempo para repouso; qual pastor, nos agitados dias atuais, pode dar-se ao luxo de dispensar o período de férias cada ano?

Todas essas armadilhas compõem o problema da ética sexual no ministério. Quando estamos superatarefados, e constantemente expostos ao pecado, podemos deixar de reconhecer as tentações de atração sexual, a tempo de rechaçá-las.

### Encarando o problema

---

Uma pesquisa feita pela revista *Christianity Today* reforça a necessidade de abordarmos o assunto.<sup>1</sup> Respondendo à pergunta: “Desde que você é pastor numa igreja local, já tomou qualquer atitude sexualmente imprópria, com alguém que não seja sua esposa?” um pastor, entre quatro, admitiu problemas de ética sexual. Um pastor, entre oito, admitiu ter cometido adultério, em resposta à seguinte indagação: “Já teve relações sexuais com alguém que não seja sua esposa, desde que é pastor de igreja?”

Atração sexual e fantasias são frequentemente consideradas impróprias para pastores. Uma pesquisa de *Men's Health* revela que 35% dos entrevistados tinham fantasias diariamente, e 80% pelo menos semanalmente. É importante notar que quase nove entre dez entrevistados eram graduados em Teologia, e quatro entre dez tinham curso de pós-graduação.<sup>2</sup> Ao contrário do que imaginam alguns, a vulnerabilidade às fantasias e atrações sexuais não decresce com o aumento do nível educacional.

Meditando sobre minha própria expe-

riência no seminário, compreendi que na realidade foi empregado pouco tempo no preparo para tratar com minhas atrações emocionais e físicas, e minha própria sexualidade. A idéia prevalecente era que os pastores deveriam ser capazes para controlar suas necessidades e pen-

samentos relacionados com o sexo. Na verdade, se você fazia certos tipos de perguntas, arriscava-se a ser rotulado como indigno de ser um ministro. A pesquisa de *Christianity Today* descobriu que três em cada quatro pastores não discutiam sexo em casa, quando adolescentes. A falha do seminário, em não abordar esse tema, somente serve para reforçar a negação da sexualidade humana. Gary Collins, professor na *Trinity Evangelical Divinity School*, diz que “nós estamos vivendo numa Era Coríntia, mas preparamos estudantes para uma Era Vitoriana”.

### Pesquisa adventista

---

Durante os anos 1991 e 1992, realizei um seminário sobre ética sexual em nove Associações da América do Norte e na *Andrews University*. Antes de cada seminário, era realizada uma pesquisa sobre o assunto. Das 586 pessoas que responderam a essa pesquisa, 416 eram homens. Muitos eram pastores (88% eram homens e apenas 5% mulheres). Poucos, homens ou mulheres, eram conselheiros. Entre as mulheres, uma de cada cinco era professora. O item “outra”, do bloco “ocupação”, foi assinalado por mais da metade. Usualmente esposas de pastores.

De todos os entrevistados, 218 cresceram como adventistas, 119 em lares protestantes; os demais não indicaram antecedentes nesse sentido. A pesquisa foi feita numa sala cheia, sem privacidade, e com os casais sentados juntos.

“Você esteve envolvido em relacionamento sexual antes do casamento?” A essa pergunta, metade dos homens e 47% das mulheres responderam “sim”. Uma porcentagem consideravelmente baixa daqueles

que, tendo sido criados em lares adventistas, praticaram o sexo pré-marital. Isso indica que embora não falemos muito a respeito de sexo, conseguimos comunicar a importância da abstinência antes do casamento. Talvez a falta de oportunidade para pecar contribua para o sucesso desse padrão.

“Depois de casado, você praticou sexo com outra pessoa que não fosse seu cônjuge?” A resposta foi afirmativa para cada um dentre nove homens, e uma entre dez mulheres. No entanto, entre os que foram criados em lares adventistas, verificou-se um aumento de 10%, em relação à média, nos casos de sexo pré-marital. Aparentemente a pressão dos pais no sentido da abstinência sexual antes do casamento, tem um efeito contrário. Possivelmente isso acontece porque nem todos os valores transmitidos pelos pais são interiorizados pelos filhos.

“Você tem sentido alguma atração por um cliente, paciente, aluno, ou colega de trabalho, sem consumir o ato sexual?” Segundo as respostas, 65% dos homens e 31% das mulheres disseram “sim”. É muito interessante notar que mais pastores (64%) que conselheiros (48%) ou professores (39%) afirmaram sentir tal atração.

“Você se sentiria à vontade para falar com seu cônjuge sobre a atração que sente por um cliente, paciente, aluno ou colega?” Quase a metade (47%) dos entrevistados, independentemente de sexo, respondeu “não”. Aqueles que acharam menos confortável discutir tal assunto com o cônjuge cresceram em lares adventistas (60%). Talvez a pressão para reprimir o sexo pré-marital, sem na verdade discutir a sexualidade, não incentive a abertura de diálogo sobre o assunto, mesmo depois do casamento.

“Você ainda tem um caso?” Aparentemente essa pergunta foi mais extensamente interpretada que “depois de casado, você praticou sexo com outra pessoa que não fos-

se seu cônjuge?” Um dentre oito homens (mais pastores) respondeu “sim”. A mesma resposta foi dada por uma dentre seis mulheres (mais esposas de pastores). Numa sociedade na qual a infidelidade sexual masculina é bem documentada, é alarmante que mais esposas de pastores tenham afirmado ter um caso.

“Você sofreu abuso sexual quando criança?” Pesquisas nos informam que indivíduos que sofreram abuso sexual na infância, não podem recordar o fato até que posteriormente algum evento acione a memória. A mente misericordiosamente bloqueia essa experiência traumática, do contrário a mágoa seria muito grande. No entanto, essa pergunta também foi respondida afirmativamente por um em cada 16 homens, e uma em cada cinco mulheres. A maior porcentagem encontra-se entre os que cresceram em lares sem religião (18%), e o menor índice encontra-se entre os que se desenvolveram em lares adventistas (8%).

### Cautela

**A** família adventista parece ser vitoriosa ao buscar proteger seus filhos dos desvios sexuais, enquanto eles permanecem no lar. Os que são criados em lares adventistas

apresentam uma proporção muito baixa de experiências sexuais antes do casamento, e de abuso sexual quando crianças. No entanto, quando esses jovens tornam-se adultos eles se envolvem em casos pré-maritais e se sentem menos confortáveis para discutir assuntos sexuais com o respectivo cônjuge.

Esta pesquisa confirma a premissa de Peter Rutter (*Sex in the Forbidden Zone*) que mais homens que mulheres são atraídos sexualmente a outra

pessoa que não o cônjuge. A pesquisa de *Christianity Today* mostrou que oito em cada dez casos extraconjugais foram motivados por atração física ou emocional, e não por problemas no casamento. Devido à rea-

---

---

Quando os pastores estão superatarefados, e constantemente expostos ao pecado, correm o perigo de não poderem reconhecer as tentações de caráter sexual a tempo de rechaçá-las. O resultado pode ser desastroso.

---

---

lidade da atração sexual, mesmo entre os pastores, necessitaríamos abordar o assunto da ética sexual de uma forma mais ampla e completa, do que o fazíamos no passado.

Nossa pesquisa revela que mais de seis entre dez pastores responderam que são atraídos por outra pessoa além da esposa, e uma entre oito esposas na verdade tem um caso depois de casada. Isso significa que com aproximadamente 3.900 líderes da Igreja na Divisão Norte-Americana (3.200 na área pastoral), aproximadamente 480 deles possuem um caso, e aproximadamente 2.500 lutam com o problema de atração sexual.

### Sugestões e observações

**D**iante desse quadro, necessitamos considerar com carinho algumas sugestões, como as relacionadas abaixo:

1. Desenvolver um programa educacional aberto para pastores e outros obreiros, a fim de reafirmar o ensinamento da ética sexual. Isso requer um esforço mais intenso do que o bom começo já existente em forma de vídeo e guia de estudo, produzidos pela Associação Ministerial.<sup>3</sup>
2. Reestruturar o seminário, para providenciar maior ênfase na ética sexual, no aconselhamento e no relacionamento pessoal. Os pastores poderiam assistir a seminários sobre ética sexual e relacionamento pessoal, como parte do programa de Educação Contínua. Inclusive a assistência a tais seminários poderia ser uma exigência para renovação da credencial.
3. Estabelecer uma clara e efetiva política que trate seriamente com os casos de má conduta sexual, e providencie adequada terapia de reabilitação. Esse trabalho deveria buscar mais a restauração espiritual e cura de relacionamentos partidos, que enfatizar a possibilidade de continuidade como empregado da Igreja.
4. Providenciar grupos de apoio para pastores e outros obreiros. "Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o, com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo." (Gál. 6:1 e 2).

5. Providenciar serviços de aconselhamento profissional e retiros de reavivamento para pastores e obreiros.

6. Promover a conscientização e a aceitação de um código de ética sexual, por pastores e obreiros. Além dos princípios existentes no *Manual Para Ministros*, eis aqui um outro modelo:

"Como um ministro, sou um agente de cura e restauração física, moral e espiritual. A exploração sexual do cônjuge, colegas, membros, liderados, ou consulentes representa um abuso de confiança, poder e autoridade de minha posição.

"Estou consciente da minha obrigação de aderir aos estritos padrões de confiança relativa aos problemas que me são expostos.

"Estou consciente dos efeitos a longo prazo de todas as formas de exploração sexual e buscarei ajudar às pessoas vitimadas por essa experiência, por todos os meios possíveis.

"Estou consciente de que molestações sexual e imoralidade são ofensas culpáveis, tanto de acordo com a lei civil, como de acordo com as leis morais; e sou o único a arcar com as responsabilidades finais de minhas atitudes.

"Estou consciente da política denominacional de disciplina, concernente à exploração sexual.

"Tendo conhecimento de qualquer atitude de exploração sexual, praticada por algum colega obreiro, praticarei a recomendação de Cristo (Mat. 18:15-17) e buscarei impedi-lo de prosseguir na prática desse comportamento.

"Estou consciente do meu chamado como um ministro, e aceito a responsabilidade a mim confiada por aqueles que buscam minha ajuda.

"Buscarei o conselho de outros obreiros quando surgirem questões de ética sexual em meu ministério."<sup>4</sup>

### Referências:

1. Ver artigo "How common is pastoral indiscretion?", *Leadership*, verão de 1988, págs. 12 e 13.
2. *Men's Health Newsletter*, abril de 1992.
3. *Sexual Ethics for Professionals*, Programa de Educação Contínua da Associação Ministerial da AG, 1992.
4. Adaptado de Donald C. Houts, *Clergy Sexual Ethics: A Workshop Guide*; Journal of Pastoral Care Publications, 1991.

# Ponha mais vida em seu casamento

JAN JOHNSON

**N**um dia de sábado, meu esposo e eu conversávamos sobre nossa vida. Naquela ocasião, ele revelou muito mais de si mesmo, do que o tinha feito antes – pelo menos desde os dias de namoro. Embora um pouco chateada com algumas coisas que ouvi, usei a habilidade aprendida em doze anos de casamento, falei tão calmamente quanto foi possível, e tentei não revidar nem acusar. Então, como que acidentalmente, fiz o que mais necessitava fazer: ouvir.

Ficar ouvindo não era o que eu mais queria, mas controlei-me, não exagerando meu aborrecimento; tanto que minha réplica usual foi um pouco reduzida. Finalmente consegui que ele, realmente, conversasse comigo. Vivi o sonho que toda mulher casada conhece: “Eu desejaria tanto que ele conversasse comigo!”

Enquanto nossa conversa “olho no olho” continuava, eu me policiava. “Não se defenda.” “Não o critique.” “Não levante a voz.” E até esqueci de falar tudo o que queria, de modo que meu marido falou por duas horas. Que maravilha!

Ele explicou porque andava tão retraído durante os doze meses anteriores, invocando vários fatores. Como eu pude ter falhado em tantas coisas! Compreendi então que estivera tão ocupada em acusar, gritar, em minha própria defesa, que não absorvia suas palavras. No quadro da minha imaginação pude pintar quantas coisas poderiam ter acabado se eu não tivesse aprendido a ouvir. Provavelmente teríamos ido parar num divórcio em nosso 25º aniversário de casamento.

Apesar de eu ter-me referido ao dia em que descobri a arte de ouvir como “o sábado negro”, em meu diário, compreendi o quanto esse dia representou para o raiar de uma

nova fase em nosso casamento. Ao falar de si mesmo e suas inquietações, meu esposo abriu-se a mim, ao mesmo tempo em que tornava-se mais interessado em mim.

## Diferença psicológica

**O** Dr. Donald Joy, professor de Desenvolvimento Humano, no *Asbury Seminary*, em Willmore, Kentucky, menciona que as mulheres nascem com maior habilidade verbal que os homens, como resultado de um banho químico que envolve o lado esquerdo do cérebro do feto, entre a 16ª e a 26ª semana de gestação. Essa química revoluciona a capacidade analítica, embora obscureça outras – como a habilidade para recordar rapidamente experiências do passado e fazer julgamento rápido. As mulheres conservam aquela capacidade; por isso existe a expressão “intuição feminina”.

Ao mesmo tempo em que o homem recebe certos benefícios dessa diferença psicológica intrínseca, eles freqüentemente têm mais dificuldade de expressão. Num estudo realizado na *Stanford University*, por Diane McGuinness, foi comprovado que crianças de dois anos e meio a quatro conseguiram bons resultados em testes de vocalização. No entanto, somente 60% da vocalização masculina formavam palavras, enquanto entre as meninas o aproveitamento foi de 100%. Os meninos resmungavam apenas monossílabos quase a metade do tempo.

Os dois sexos possuem emoções profundas, mas as mulheres são psicologicamente mais capazes de expressá-las. Elas poderiam obstruir o cônjuge, e até poderiam inconscientemente dominá-lo verbalmente. Nesse caso, o marido poderia responder retraindo-



se, e a esposa começaria a queixar-se de que ele não conversa com ela.

### Removendo a barreira

Com freqüência, ouvimos alguém falando sobre o direito de ser ouvido, isto é, conseguir que determinada pessoa nos ouça por causa de nossas credenciais, experiência, ou boas ações. Algumas de nós precisamos ganhar o direito para ouvir. Para exercer nossa habilidade de ouvir, possibilitamos a nosso não tão loquaz esposo a oportunidade de falar-nos. Devemos precaver-nos de ser mulheres com as quais é difícil comunicar. Para isso, precisamos evitar agumar barreiras, como as seguintes:

#### 1. A mãe desfigurada

Como uma mãe de duas crianças em idade pré-escolar, eu tornava-me irritadiça e centralizadora após cada dia cheio de brigas e problemas domésticos. Se meu marido fazia algum comentário sobre meu temperamento explosivo, eu dizia que necessitava de apoio, afinal passava o dia cuidando das crianças. Usualmente seguia-se uma citação do Dr. Dobson, um bem conhecido especialista em educação infantil, sobre a importância da maternidade.

A realidade das fraldas sujas e saídas para compras fazem com que as esposas vejam as crianças de um modo diferente de como as

vê o esposo. Desde o nascimento, nós estamos tão fortemente ligadas às nossas crianças que nos queixamos delas automaticamente, mesmo sabendo que nossa alma está entrelaçada a elas em amor. Enquanto as esposas mantêm uma aproximação prática em relação às crianças, os maridos aqui parecem ser mais sentimentais. Enrolam-se no chão com elas, trazem-lhes brinquedos, e fazem outras coisas que são basicamente divertidas.

As mães necessitam deixar que os maridos sejam pais, não psiquiatras. Eles desejam ouvir sobre os preciosos momentos e conquistas do dia, não sobre a exasperação causada pelos pequenos. Uma atitude positiva encorajará uma discussão afetuosa e construtiva da família, seus desejos e necessidades.

#### 2. A defensora

Essa atitude é caracterizada por desculpas rápidas e uma razão para justificar cada coisa. Durante nossa conversa no "sábado negro", pensei silentemente em três defesas para cada cobrança do meu marido, mas segurei firme. Se as externasse, teria bloqueado sua caminhada e teria perdido 118 minutos de chance para conhecê-lo melhor.

A maioria de nós tem repetido as desculpas tantas vezes antes, que os esposos já sabem quais são elas. Eles não desconhecem que essas repetidas desculpas necessitam mesmo ser levadas em conta, mas sentem que também é importante verbalizar suas sugestões. Assim, necessitamos deixar nossa posição defensiva.

#### 3. A competidora

Quando meu esposo criticava algumas técnicas de cuidados do lar, eu fazia uma contestação. Depois procurava confortar-me com a idéia de que ele nada sabia sobre esse assunto. Depois de tudo, ele deixava as crianças comerem doces entre as refeições, e não se importava com a desordem dos quartos. Frequentemente repeti para ele as coisas que eu fazia melhor – meu raciocínio era rápido; era mais organizada. Minha atitude superior era notada mesmo quando eu não dizia nada.

Agora me recordo que meu esposo foi atraído mim porque ele era uma pessoa paciente, o oposto de mim. Então, porque insistir em querer mudá-lo, para ser exatamente igual a mim? Estou agradecida porque ele represen-

tou sempre o ponto de equilíbrio, ajudando a tornar-me a melhor mãe que posso ser.

#### 4. A exigente

**P**ara sair da frustração, nós exigimos apoio e romantismo em lugar de convidar e inspirar nessa direção. Exigir atenção do marido pode fazê-lo sentir-se inadequado, e induzi-lo a retrair-se ainda mais.

Para remediar esse problema, comecei a agir em vez de falar. Se eu quero que ele me abrace mais, eu o abraço mais. Em lugar de ficar furiosa porque ele esqueceu de dizer que está triste, eu digo: "você me ajudaria muito se dissesse porque está triste." E pergunto-lhe sobre sua infância, seus *hobbies*.

Quanto menos eu exigir que ele converse comigo, mais ele irá conversar. Ao fazer-lhe perguntas para as quais eu sinceramente desejo respostas, mostrando um genuíno desejo de conhecer mais a seu respeito, sua infância, suas preferências, etc., motivo melhor a conversação.

#### 5. A tagarela

**E**m virtude de que as crianças não poderiam realmente discutir temas atuais, ou dizer-me que conselhos eu poderia dar a minhas amigas, eu bombardeava meu marido com tanta conversa, quando ele estava em casa, que, desesperado, passou a tratar meus discursos como uma barulheira já conhecida. Ele simplesmente preferia assistir a jogos de futebol, tendo o cuidado de me advertir polidamente para ficar quieta durante as partidas. Não admira que ele nunca tenha se lembrado do que eu falava nessas ocasiões.

Para conseguir conversar sobre alguns assuntos do dia-a-dia, eu guardo um jornal e falo ao telefone com as amigas, enquanto lavo pratos. Seleciono o que tenho a dizer a meu marido, falo com ele usando o máximo de contato visual, e procurando ser o mais amável e charmosa possível.

#### 6. A rabugenta

**S**er irritadiça e antipática pode significar a expulsão do esposo para fora do lar. Desencoraja a intimidade e a comunicação. Quando sou assaltada por momentos de pressão, procuro permanecer calma, de preferência a ficar resmungando ou mostrar descontentamento. Tento restaurar o humor, na satis-

fação produzida pela oração e pelo canto; mas se mesmo assim não consigo, então sussurro a meu marido: "dá-me um pouco de luz para clarear minha perspectiva, e ela será leve."

#### 7. A sabe-tudo

**Q**antas vezes eu disse para meu marido: "se você fizesse assim...", mas ele não fazia da maneira que fora sugerido. Ao examinar minhas declarações passadas, compreendi que tais propostas de soluções para os problemas eram apenas suposições, hipóteses fundamentadas no "eu acho".

Atualmente, quando ele me fala sobre algum problema, eu falo da seguinte maneira: "o que você acha de fazer assim..." Ouço então seu parecer, enfatizo as partes que me parecem corretas, e se tenho algo mais a acrescentar partilho com ele minha idéia sempre em tom sugestivo. Ele parece gostar desse tipo de abordagem.

#### 8. A chorona

**E**mbora em nossos dias de namoro meu marido dissesse não apreciar o tipo de mulher que consegue o que deseja, através do choro, eu pareci haver-me esquecido disso. Revelei-me semelhante a muitas mulheres e não podia conter o choro quando expressava meus sentimentos.

Depois do "sábado negro", resolvi que o choro era um hábito que deveria ser vencido. Em lugar da saída dramática, permaneci calma, recuperei o controle, e voltei a conversar inteligentemente, sem lágrimas.

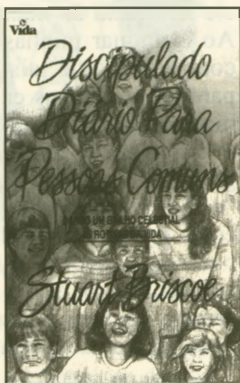
Quando uma família de missionários nos visitou recentemente, por ocasião de suas férias especiais, procurei tratá-la muito cortesmente. Em nenhum momento fui negativa com aqueles amigos. Não demonstrei nenhuma das atitudes enumeradas acima. Por que não agir da mesma maneira com meu esposo?

Não surpreende que hoje possamos conversar tão livre e abertamente sobre qualquer assunto. Procuro ser tão atenciosa para com ele, como sempre fui para com os mais caros amigos. Quanto mais ele conversa comigo, mais eu entendo porque casei com ele. Essa pessoa maravilhosa que ele é, possui muitas qualidades excelentes que eu tinha negligenciado. A revelação de si mesmo acabou jogando para bem longe tudo o que fiz de mal no passado. E eu sinto que agora o amo cada vez mais intensamente.

## BIBLIOTECA DO PASTOR

**DISCIPULADO  
DIÁRIO PARA PESSOAS COMUNS** – Stuart Briscoe, Editora Vida, São Paulo, SP; 180 páginas.

Os discípulos de Cristo usam muitos uniformes e vêm de todas as classes sociais. Contudo, o único estilo de vida que compartilham é o desejo de seguir os rastros de Jesus todos os dias, e de estar comprometido com Ele em todos os lugares e circunstâncias. O discipulado, diz Briscoe, é um relacionamento real e íntimo com Jesus, tão real e tão íntimo que abrange a vida toda com seu poder transformador.



histórico-redentor, levando em conta que os dois livros não são apenas profecias que revelam o futuro, do ponto de vista histórico. E, se bem que este aspecto seja focalizado, acima dele sobressai o grande interesse e amor de Deus por Seu povo. Afinal, tanto no Antigo Testamento quanto na Dispensação Cristã, o principal tema é a redenção.

**THE STUDY BIBLE** – Academy Enterprises, Inc., 6200 Academy Lane, Harrah, Oklahoma 73405, USA; Tel. (405) 454-6211; FAX (405) 454-6166.

Para o cristão, a Palavra de Deus é espírito e vida. E em sua defesa, muitos cristãos fiéis ao longo da História deram-se em sacrifício vivo. Com tantas falsas doutrinas sendo espalhadas hoje no mundo, o estudo e a correta compreensão da Palavra se tornam mais necessários ainda.

Esta é uma Versão King James autorizada da Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamentos, referências, concordância, índice de assuntos e comentários do Espírito de Profecia. Indispensável aos pregadores.

**DANIEL E APOCALIPSE** – Vilmar E. González, Instituto Adventista de Ensino do Nordeste, Iaene, Cachoeira, BA; 238 páginas.

“Quando os livros de Daniel e Apocalipse forem bem compreendidos, terão os crentes uma experiência religiosa inteiramente

diferente. Ser-lhes-ão dados tais vislumbres das portas abertas do Céu que o coração e a mente se impressionarão com o caráter que todos devem desenvolver a fim de alcançar a bem-aventurança que deve ser a recompensa dos puros de coração”, diz Ellen White.

Neste estudo, o autor dá a conhecer, de maneira simples, prática e objetiva, as profecias de Daniel e João. Ele destaca o aspecto

**O AMOR COBRE TUDO** – Paul E. Billheimer, Editora Vida, São Paulo, SP, 189 páginas.

Neste livro, o autor capta a verdadeira essência dos problemas religiosos de hoje e, expondo-os à luz do dia, lembra aos crentes que a unidade de coração deve preceder a unidade doutrinária. Sem desprezar nem os compromissos doutrinários nem a discussão teológica nas questões de interpretação bíblica, o autor faz um forte apelo em prol da unidade, afirmando que a comunhão se baseia em nossa paternidade espiritual comum.

